

**Estados Unidos: uma nova
pax para uma nova Roma?**



GEOPOLÍTICA 7



OLIVIER LE QUEINEC/DREAMTIME/GLOW IMAGES



Um país que continua, ano após ano, gastando mais dinheiro em defesa militar do que em programas sociais está se aproximando da morte espiritual.

Martin Luther King Jr., Nobel da Paz, 1967.

Potência bélica e indústria militar: Estados Unidos

Uma longa folha corrida

Para garantir sua posição hegemônica, os Estados Unidos utilizam basicamente três instrumentos: o domínio cultural; a vigilância global (os quais estudaremos na Aula 23) e a coerção militar. Dessa maneira, mesmo que estejam atravessando sérias fragilidades financeiras (analisadas na Aula 24), conseguem manter seu império geopolítico mundial.

A ação de caráter militar faz parte da política externa dos Estados Unidos desde o final do século XIX, mas foi enormemente intensificada a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando se iniciou a chamada Guerra Fria. Podemos, assim, dividir a atuação dos Estados Unidos no campo militar em três grandes períodos: o primeiro, entre o final do século XIX até 1945; o segundo, entre 1945 e o final da Guerra Fria, em 1989/1991; e o último, a partir do pós-Guerra Fria até os dias atuais.



Z2A COLLECTION/ALAMY/GLOW IMAGES

831-7 Programado para entrar em operação em 2016, o porta-aviões Gerald Ford custou 13 bilhões de dólares.

:: A fé e o Destino Manifesto dos falcões

Após a consolidação da independência dos Estados Unidos (1776) em relação à Inglaterra, o país iniciou no século XIX sua expansão territorial interna. Por exemplo, em 1783 foi agregada a região a oeste do rio Mississipi. Partindo das treze colônias originais da Costa Leste, ele continuou ampliando suas fronteiras até se tornar continental (do Atlântico ao Pacífico). Com esse objetivo, utilizou algumas estratégias, entre elas as ações militares. Nelas se incluem o extermínio dos povos indígenas para a incorporação de suas áreas no Oeste e a guerra contra o México para a anexação do Texas. Ainda nesse episódio, mediante o pagamento de 15 milhões de dólares, os Estados Unidos se apropriaram de territórios mexicanos que hoje formam os estados do Novo México, Utah, Nevada, Arizona, Califórnia e Colorado. Ressalta-se que o México não tinha outra opção: ou os vendia ou seriam tomados pela força. Em 1819, igualmente sob ameaças, a Espanha vendeu por 5 milhões de dólares a Flórida. Em 1846, de novo sob pressão, a Inglaterra foi obrigada a ceder o controle do estado do Oregon.

Essa agressiva política de expansão territorial interna no século XIX foi justificada pelo Destino Manifesto. Trata-se de uma doutrina que expressava a ideologia dos “falcões”: cidadãos, políticos e empresários adeptos da guerra. Note que a águia (da mesma família dos falcões) está no brasão do país e em vários outros de órgãos federais dele.

Desde o século XIX, a doutrina do Destino Manifesto afirmava que os Estados Unidos tinham como direito divino espalhar a liberdade e a democracia. Isso, enquanto ideia, passou a fundamentar as políticas imperialistas da nação.

0016



O brasão com a águia ao centro representa os Estados Unidos.

:: A guerra permanente no século XX

Após 1945, conforme assinalado, teve início a segunda grande fase da estratégia militar dos Estados Unidos. Consolidados como potência mundial, começava um novo período que tornaria a nação estadunidense a primeira hiperpotência imperialista efetivamente global. Os Estados Unidos conquistaram um poder jamais imaginado por qualquer outro império da história da humanidade. Esse triunfo, de acordo com o que já indicamos, não teria sido possível sem o suporte militar.

Ao longo do século XX, a política externa dos Estados Unidos foi caracterizada pelo *hardpower* (força armada), em oposição ao *softpower* (diplomacia). Os eventos relacionados a seguir comprovam essa afirmação. Sublinha-se que são citados apenas alguns dos principais, portanto, a quantidade de intervenções militares internacionais dos Estados Unidos, no século XX, é muito maior.

Intervenções militares internacionais dos Estados Unidos no século XX

- 1901: Panamá
Tropas dos Estados Unidos ocupam o Canal do Panamá.
- 1903-1904: República Dominicana
Tropas atacam e invadem o território dominicano para proteger interesses do capital estadunidense.
- 1904-1905: Coreia
Fuzileiros navais dos Estados Unidos desembarcam no território coreano durante a Guerra Russo-Japonesa.

- 1906-1909: Cuba
Tropas dos Estados Unidos invadem Cuba e lutam contra o povo cubano durante o período de eleições.
- 1907: Honduras
Fuzileiros navais desembarcam e ocupam Honduras durante a guerra desse país com a Nicarágua.
- 1910: Nicarágua
Fuzileiros navais desembarcam e invadem pela terceira vez Bluefields e Corinto.
- 1911-1941: China
Forças do Exército e da Marinha dos Estados Unidos invadem mais uma vez a China durante um período de lutas internas.
- 1912-1933: Nicarágua
Tropas dos Estados Unidos, com a desculpa de combaterem guerrilheiros, invadem e ocupam o país durante vinte anos.
- 1914-1918: Primeira Guerra Mundial
Os Estados Unidos entram no conflito em 6 de abril de 1917 declarando guerra à Alemanha. Os estadunidenses chegam a perder 114 mil homens.
- 1927-1934: China
Mil fuzileiros estadunidenses desembarcam na China durante a guerra civil local e ocupam o território por sete anos.
- 1939-1945: Segunda Guerra Mundial
Os Estados Unidos declaram guerra ao Japão em 8 de dezembro de 1941 e depois à Alemanha e à Itália, invadindo o Norte da África, a Ásia e a Europa, o que culmina com o lançamento de bombas atômicas sobre as cidades desmilitarizadas de Hiroshima e Nagasaki.
- 1946: Irã
A Marinha dos Estados Unidos ameaça usar artefatos nucleares contra tropas soviéticas caso elas não abandonem a fronteira do norte do Irã.
- 1947: Venezuela
Em um acordo feito com militares locais, os Estados Unidos invadem e derrubam o presidente eleito Rómulo Gallegos. Como represália por este ter

aumentado o preço do petróleo exportado, colocam um ditador no poder.

- 1948-1949: China
Fuzileiros invadem pela última vez o território chinês para evacuar cidadãos estadunidenses antes da vitória comunista.
- 1950: Porto Rico
Comandos militares dos Estados Unidos ajudam a esmagar a revolução pela independência de Porto Rico, em Ponce.
- 1951-1953: Coreia
Início do conflito entre a República Democrática da Coreia (Norte) e a República da Coreia (Sul), no qual cerca de 3 milhões de pessoas morrem. Os Estados Unidos são um dos principais protagonistas da invasão, usando como pano de fundo a ONU, ao lado dos sul-coreanos. A guerra termina em julho de 1953 sem vencedores e com dois estados polarizados: comunistas ao norte e um governo pró-estadunidense ao sul. Os Estados Unidos perdem 33 mil homens e mantêm até hoje uma base militar e aeronaval na Coreia do Sul.
- 1961-1975: Vietnã
Aliado aos sul-vietnamitas, o governo estadunidense invade o Vietnã e tenta impedir, sem sucesso, a formação de um estado comunista, unindo o sul e o norte do país. Inicialmente, a participação dos Estados Unidos se restringe à ajuda econômica e militar (conselheiros e material bélico). Em agosto de 1964, o Congresso autoriza o presidente a lançar os Estados Unidos em guerra. Em 1965, são enviados 65 mil soldados e, até o fim de 1967, mais 500 mil. O recrutamento mensal chega a 35 mil soldados. Os Estados Unidos lançam três vezes mais bombas no minúsculo Vietnã do que o fizeram em toda a Segunda Guerra Mundial, e 5 milhões de camponeses são tirados de seus vilarejos e mandados para campos cercados com arame farpado. Para os Estados Unidos, o saldo é a morte de quase 60 mil jovens estadunidenses e a humilhação imposta pela derrota em 1975.
- 1980: Irã
Na fundação do Estado Islâmico formado pelo aiatolá Khomeini, estudantes que haviam participado

da Revolução Islâmica do Irã ocupam a embaixada dos Estados Unidos em Teerã e fazem 60 reféns. O governo estadunidense prepara uma operação militar surpresa para executar o resgate, frustrada por tempestades de areia e falhas em equipamentos. Em meio ao fracasso, oito militares dos Estados Unidos morrem no choque entre um helicóptero e um avião. Os reféns só são libertados um ano após o sequestro, o que enfraquece o então presidente Jimmy Carter e ajuda a eleger Ronald Reagan, que consegue aprovar o maior orçamento militar em época de paz até então.

- 1983-1984: Ilha de Granada
Após um bloqueio econômico de quatro anos, a CIA coordena esforços que resultam no assassinato do primeiro-ministro Maurice Bishop. Seguindo a política de intervenção externa de Ronald Reagan, os Estados Unidos invadem a ilha caribenha de Granada alegando prestar proteção a 600 estudantes estadunidenses que estão no país. Com isso, as tropas eliminam a influência de Cuba e da União Soviética sobre a política da ilha.
- 1989: Panamá
Batizada de Operação Causa Justa, a intervenção no Panamá é provavelmente a maior batida policial de todos os tempos: 27 mil soldados ocupam a ilha para prender o presidente panamenho Manuel Noriega, antigo aliado. Os Estados Unidos justificam a operação como fundamental para proteger o Canal do Panamá, defender 35 mil concidadãos que vivem no país, promover a democracia e interromper o tráfico de drogas, que teria em Noriega seu líder na América Central.
- 1990-1991: Iraque
Após a invasão do Iraque no Kuwait, em 2 de agosto de 1990, os Estados Unidos, com o apoio de seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), decidem impor um embargo econômico ao país, seguido de uma coalizão anti-Iraque (reunindo, além dos países europeus, membros da Otan, o Egito e outros países árabes) que ganha o título de “Operação Tempestade no Deserto”. As hostilidades começam em 16 de janeiro de 1991, um dia após o fim do prazo dado ao Iraque para retirar as tropas do Kuwait. Para expulsar as forças

iraquianas do Kuwait, o então presidente George Bush (pai) destaca mais de 500 mil soldados para a Guerra do Golfo.

- 1993: Iraque
No início do governo Clinton é lançado um ataque contra instalações militares iraquianas em retaliação a um suposto atentado, não concretizado, contra o ex-presidente Bush, em visita ao Kuwait.
- 1994-1999: Haiti
Enviadas pelo presidente Bill Clinton, tropas ocupam o Haiti com a justificativa de devolver o poder ao presidente eleito Jean-Bertrand Aristide, derrubado por um golpe. Entretanto, o que a operação visa é evitar que o conflito interno provoque uma onda de refugiados haitianos nos Estados Unidos.
- 2001: Afeganistão
Os Estados Unidos bombardeiam várias cidades afgãs em resposta ao ataque terrorista ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001. Invadem, depois, o Afeganistão.
- 2003: Iraque
Sob a alegação de que Saddam Hussein esconde armas de destruição e financia terroristas, os Estados Unidos iniciam intensos ataques ao Iraque. Batizada pelos Estados Unidos de “Operação Liberdade do Iraque” e por Saddam de “A Última Batalha”, a guerra começa com o apoio apenas da Inglaterra, sem o endosso da ONU e sob protestos de manifestantes e de governos no mundo inteiro.

Texto publicado no *site* Centro Independente e Mídia/Brasil, de Alberto da Silva Jones; além de trechos do livro *A história não contada dos Estados Unidos*, de Oliver Stone e Peter Kuznich. Adaptado.

Perceba que os ataques dos Estados Unidos – por exemplo, os realizados no Oriente Médio – acabam cumprindo três objetivos: movimentam a indústria da guerra; garantem o controle de regiões com muito petróleo; e ajudam a consolidar a hegemonia geopolítica estadunidense no mundo.

:: O “estímulo” do 11 de Setembro

A ordem mundial que existe até hoje é ainda a que foi criada logo após o final da Segunda Guerra Mundial. Aliás, antes mesmo de seu fim, alguns países, sobretudo os Estados Unidos, criaram modelos e instituições que continuam plenamente em exercício. Nas Conferências de Dumbarton Oaks e de Bretton Woods, entre outras, decidiram pela criação da Organização das Nações Unidas (ONU), do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial e do padrão ouro. Nesse último caso, as moedas nacionais, em especial o dólar, teriam um lastro em ouro. O sistema, que vigorou até 1971, impedia a emissão irresponsável, mas o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, cancelou o sistema, liberando o lançamento de moedas sem critério algum.

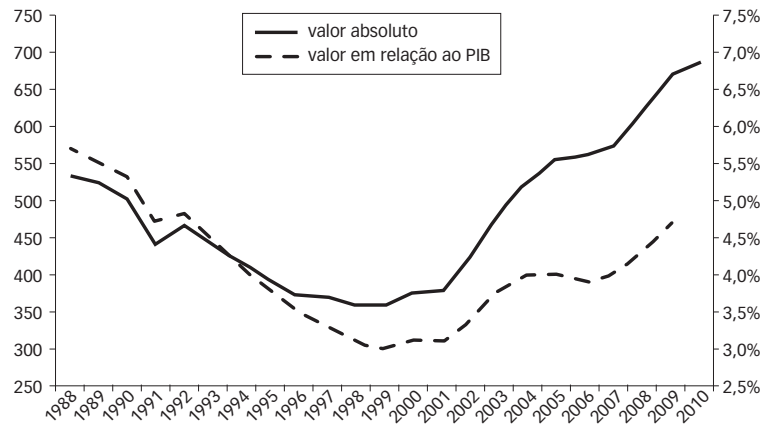
Hoje, tal ordem internacional está, no mínimo, bastante enfraquecida. Novas potências globais surgiram, entre elas, em especial a China. A ONU carece de representatividade e, portanto, legitimidade em suas decisões. O primeiro e mais importante ator a desrespeitá-la foi justo a nação estadunidense, ao não acatar decisões importantes de uma instituição efetivamente global. O Banco Mundial é visto cada vez menos como um fomentador de desenvolvimento econômico respeitável com igualdade social e preservação ao meio ambiente. O FMI armou para si uma imagem ainda mais negativa, na medida em que suas intervenções nas economias nacionais, particularmente as periféricas, provocam somente caos: desemprego, desindustrialização e queda da qualidade de vida. Os Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) questionam de frente as duas instituições financeiras mencionadas ao terem fundado um banco de desenvolvimento e um fundo de reservas; são organizações que não estão mais sob o controle dos Estados Unidos.

Enfim, essas e outras conjunturas globais demonstram que várias das características da ordem mundial atual estabelecidas no pós-Guerra necessitam urgentemente serem reformadas.

Com o fim da Guerra Fria, os responsáveis pelo governo federal dos Estados Unidos passaram a enfrentar dificuldades em justificar os elevadíssimos orçamentos da indústria bélica. Não só sua continuidade, mas também o aumento bilionário dos recursos destinados ao complexo militar industrial não tinham razão em um país com crescente pobreza, desigualdade, pauperização da classe média e, dessa maneira, queda substancial nos índices de desenvolvimento humano. O fantasma do comunismo,

patrocinado pela falida União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), não existia mais. Como então legitimar o que carecia de fundamento, particularmente em uma economia cada vez mais endividada e debilitada?

Gastos públicos militares do governo federal dos Estados Unidos



Fonte: Silva Filho e Fracalossi de Moraes (2012).

Observe o gráfico com atenção. Veja que os gastos militares declinavam desde o fim da Guerra Fria (Queda do Muro de Berlim, em 1989; e fim da URSS, em 1991). Somente entre 1991 e 1992 há uma descontinuidade na diminuição dos gastos, certamente provocada pela entrada dos Estados Unidos na Guerra do Golfo (1990-1991), cuja coalização contra o Iraque de Saddam Hussein era liderada pelos estadunidenses. Depois disso, há uma redução permanente do orçamento militar até o período de 1999-2000. Em 2001, com o ataque às torres gêmeas do World Trade Center e o início da invasão no Afeganistão, o orçamento militar estadunidense passou a ser crescente. Os valores, em bilhões de dólares, aumentaram rapidamente, consumindo recursos que poderiam ter sido usados para a educação, a saúde... Na sequência, os gastos sobem mais ainda. Em 2003, teve início a invasão dos Estados Unidos no Iraque, e assim o orçamento militar saltou de 341,5 bilhões de dólares em 2002 para 417,4. Repare que os percentuais dos gastos militares em relação ao PIB igualmente se elevam de maneira substancial a partir de 2000.

O Mundo Mudou Depois de 11 de Setembro!



Comparando-se a atualidade com as outras duas fases da política externa dos Estados Unidos (fim do século XIX até 1945 e o período da Guerra Fria), o que mudou e o que não mudou?

831-7

A indústria da morte é um ótimo negócio

E quais são as empresas fornecedoras de material bélico? Onde está a maioria delas? No Brasil? No Iraque? No Afeganistão? No Paraguai? Não! Estão nos Estados Unidos! O Sipri (Instituto Nacional de Estudos da Paz de Estocolmo), internacionalmente reconhecido, desenvolve todos os anos pesquisas a respeito das despesas militares no mundo. Analise os dados produzidos por ele.

As dez maiores empresas da indústria bélica no mundo (2014)

Origem	Nome	Faturamento militar (bilhões de dólares)	Lucro (dólares)	Empregados
Estados Unidos	Lockheed Martin	37,4	3,6 bilhões	112 000
Estados Unidos	Boeing	28,3	5,4 bilhões	165 500
Inglaterra	BAE Systems	25,7	1,2 bilhões	83 400
Estados Unidos	Raytheon	21,3	2,2 bilhões	61 000
Estados Unidos	Northrop Grumman	19,6	2 bilhões	11 000
Estados Unidos	General Dynamics	18,6	2,8 bilhões	99 500
Transeuropeia	Airbus Group	14,4	3,1 bilhões	138 620
Estados Unidos	United Technologies	13	6,2 bilhões	211 000
Itália	Finmeccanica	10,5	27 milhões	54 380
Estados Unidos	L-3 Communications	9,8	Não informado	45 000

Fonte: Instituto Nacional de Estudos da Paz de Estocolmo (Sipri). Tabela elaborada pelo autor.

**Participação na venda
de armamentos no mundo (por país)**

País	Percentual
Estados Unidos	54,4
Inglaterra	10,4
Rússia	10,2
França	5,6
Transeuropeia	3,8
Itália	3
Japão	2,3
Israel	1,9
Coreia do Sul	1,7
Alemanha	1,6
Índia	1,1
Outros	4

Fonte: Instituto Nacional de Estudos da Paz de Estocolmo (Sipri). Tabela elaborada pelo autor.

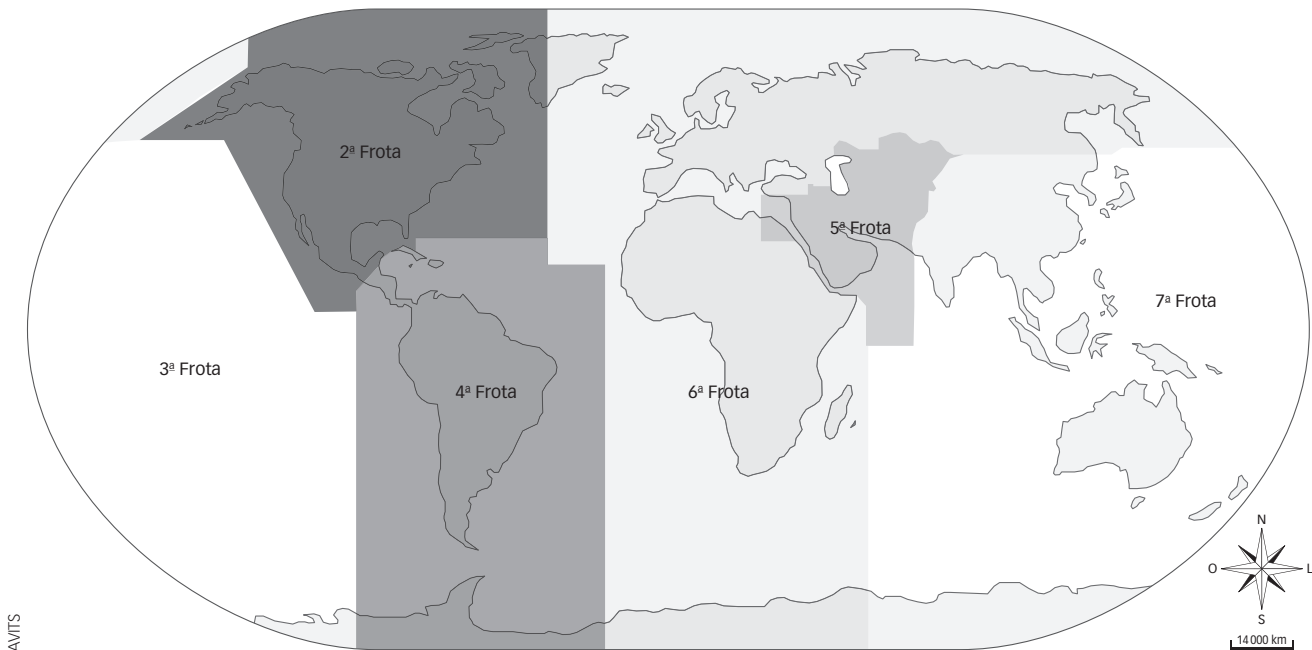
É possível então considerar que:

- a indústria bélica é uma das maiores do mundo;
- a maior parte dela se concentra nos Estados Unidos;
- os sucessivos governos federais dos Estados Unidos, ao longo de décadas, desenvolvem uma política externa voltada para a guerra;
- a indústria bélica localizada nos Estados Unidos sustenta a guerra e a violência civil no planeta;
- a produção bélica tem sido altamente positiva tanto para a manutenção da hegemonia político-econômica do território estadunidense quanto para seu complexo industrial-militar. O filósofo alemão Jürgen Habermas criou um conceito muito interessante para expressar a cumplicidade entre ciência, tecnologia, governo, indústria bélica e empresas. Para ele, o funcionamento sincronizado e organizado desses elementos, cujo exemplo mais significativo vem dos Estados Unidos, pode ser explicado pela expressão: complexo-ciência-técnica-indústria-exército-administração.

Em todos os sete mares...

A estrutura militar industrial dos Estados Unidos é gigante e bastante difícil de entender. Além disso, as informações não são de fácil acesso e nem sempre podem ser confiáveis. Entretanto, dados básicos podem ser considerados, no presente caso, em relação ao poder marítimo.

Distribuição global da frota da Marinha dos Estados Unidos



AVITS

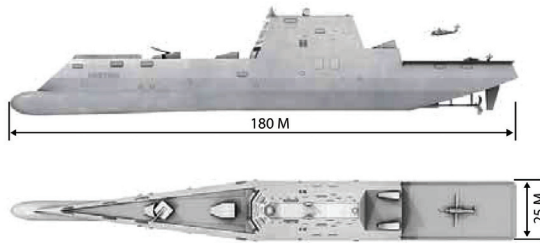
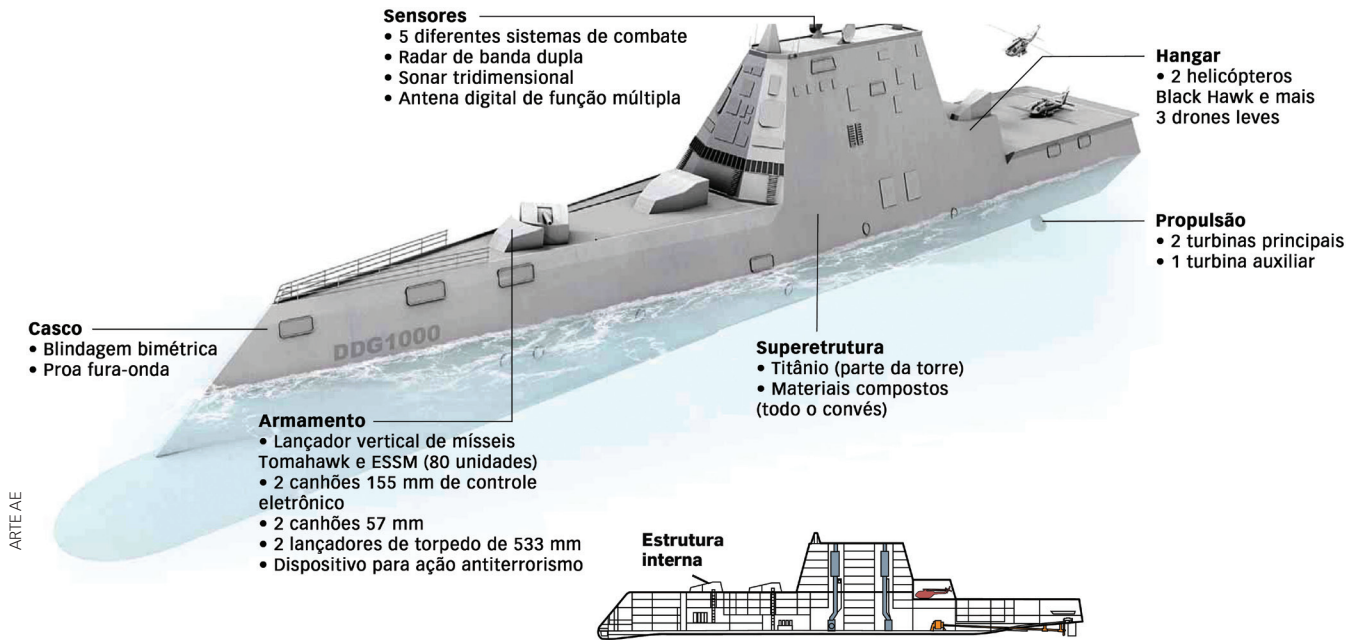
Fonte: Poder Naval On-line. Disponível em: naval.com.br. Acesso em: 29 jun. 2016.

Nesse setor, os Estados Unidos estão globalmente presentes (estima-se que o país também mantenha mais de oitocentas bases militares terrestres espalhadas por todo o planeta). Para exercer pleno controle marítimo, existem comandos divididos por frotas em cada conjunto de mares e oceanos, como mostra o mapa-múndi. No ano de 2008, a IV Frota do Atlântico Sul foi reativada, o que tem preocupado as lideranças políticas latino-americanas. O Brasil, que possui a maior faixa litorânea, tem também uma Marinha que admite não possuir condições de patrulhar e defender devidamente a área que lhe corresponde, incluindo as regiões do pré-sal.

Outra força nesse campo é a inovação tecnológica constante. Tal dinâmica viabiliza a criação permanente de novos equipamentos e embarcações.

831-7

Um dos mais novos navios (destróier) da Marinha dos Estados Unidos



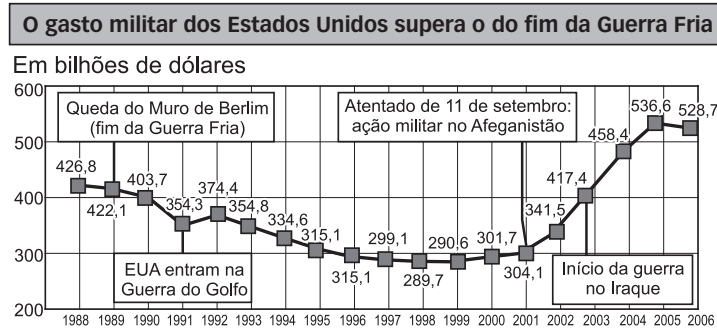
VELOCIDADE	ACIMA DE 56 KM/HORA
TRIPULAÇÃO	140 MILITARES
PREÇO	US\$ 1,1 BILHÃO



Fonte: O Estado de S. Paulo, infográfico.

EXERCÍCIO

1. (Enem) O gráfico a seguir apresenta o gasto militar dos Estados Unidos, no período de 1988 a 2006.



Fonte: Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo (Sipri) apud *Almanaque Abril 2008*. Editora Abril.

Com base no gráfico, o gasto militar no início da guerra no Iraque foi de

- a) US\$ 4 174 000,00.
- b) US\$ 41 740 000,00.
- c) US\$ 417 400 000,00.
- d) US\$ 41 740 000 000,00.
- e) US\$ 417 400 000 000,00.**

ESTUDO ORIENTADO

Caro(a) aluno(a),

Ao longo da história da humanidade existiram alguns impérios bastante poderosos, como o da Roma Antiga ou o da Inglaterra da Revolução Industrial. O primeiro império realmente global e que dominou/domina em setores essenciais, conforme estudado neste Caderno, é a nação estadunidense.

Na presente aula, o mais importante é compreender a relação do poder militar e da indústria bélica dos Estados Unidos com sua política doméstica, bem como com a economia em geral (tecnologia e indústria) e a geopolítica mundial.

Bons estudos!

EXERCÍCIOS

1. (UECE) Após o fim do conflito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), emergiram como superpotências antagônicas os Estados Unidos da América – EUA – e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS –, ambas vitoriosas sobre o eixo. A disputa entre os EUA, representante do mundo capitalista, e a URSS, líder do bloco socialista, ia desde aspectos ideológicos, políticos e econômicos até conflitos regionais em que cada superpotência apoiava um dos lados envolvidos como forma de afirmar sua superioridade. Essa época de enfrentamento durou até o início da década de 1990, quando a URSS passou por profundas transformações de ordem política e econômica. No que diz respeito à disputa entre os EUA e a URSS, nesse período da História do século XX, assinale a afirmação verdadeira.

- a) A disputa entre as duas superpotências foi chamada de Guerra Fria, pelo fato de não ter ocorrido nenhum conflito em que ambas tenham se envolvido, mesmo isoladamente.
- b)** Entre as principais manifestações de disputa entre as potências capitalista e socialista, estavam a corrida armamentista nuclear e a corrida espacial.
- c) Na Guerra da Coreia (1950-1953), os Estados Unidos deram apoio ao governo marxista-leninista norte-coreano, liderado por Kim Il-Sung; hoje a Coreia do Norte é governada por seu filho, Kim Jong-il.
- d) O apoio soviético aos insurgentes muçulmanos, chamados de mujahidin, no Afeganistão, levou-os a derrubar o regime comunista no país.
2. (Unicamp) O cartaz abaixo foi usado pela propaganda soviética contra o capitalismo ocidental durante o período da Guerra Fria. O texto diz: “Duas infâncias. Na URSS (parte superior), crianças são apoiadas pelo amor da nação! Nos países capitalistas (figura inferior), milhões de crianças vivem sem comida ou abrigo.”



- a) Como o cartaz descreve a sociedade capitalista ocidental?

Ao comparar a parte de cima (socialista) com a parte de baixo (capitalista), a URSS deseja mostrar que cuida corretamente da infância em seu país, ao contrário dos países capitalistas, que deixariam as crianças em estado de miséria.

- b) Cite dois conflitos bélicos do período da Guerra Fria.

Ver tabela "Intervenções militares internacionais dos Estados Unidos no século XX", nas páginas 3 a 5.

3. (Uncisal) A indústria de alta tecnologia – eletrônica e informática, biotecnologia e química fina, aeroespacial e bélica – reflete, em suas opções de localização, uma reação às aglomerações industriais. Esses setores industriais procuram novas localizações nos subúrbios afastados dos núcleos metropolitanos ou em pequenas cidades interioranas. Por outro lado, mão de obra científica e técnica altamente qualificada e intensos investimentos de capital constituem as principais exigências para o sucesso desses empreendimentos. Qual a região abaixo que apresenta as características do texto?
- a) Região dos Grandes Lagos (Estados Unidos).
 b) Bacia de Londres (Inglaterra).
 c) Vale de Ruhr (Alemanha).
 d) Vale do Damodar (Índia).
e) Vale do Silício, na Califórnia (Estados Unidos).

4. (UCPEL)

Bush chamou líderes da Coreia do Sul, Rússia, Japão e China para reafirmarem o compromisso com uma península coreana livre de armas nucleares. Na ONU, os Estados Unidos propuseram sanções duras, como proibição do comércio de artigos militares e de luxo, inspeção de mercadorias importadas ou exportadas do país e congelamento de bens ligados às armas. O embaixador norte-americano, John Bolton, ameaçou: “A Coreia do Norte possui uma história de sucesso em intimidar outros países, mas não terá sucesso conosco”.

Diário Popular, 11 out. 2006. p. 24.

O texto faz referência ao suposto teste nuclear realizado pela Coreia do Norte. No passado, o Japão foi alvo de duas bombas atômicas. Sobre esse assunto, todas as opções estão corretas, com exceção daquela que afirma que

- a) a derrota do imperialismo militarista nipônico implicou, também, a perda de mercados consumidores de seus produtos e fornecedores de matérias-primas.
 b) passados alguns anos após o ataque das duas bombas atômicas, o Japão vivenciou uma extraordinária e rápida recuperação econômica, fato que ficou conhecido como o milagre japonês.

- c) as bombas atômicas lançadas pelos Estados Unidos em Hiroshima e Nagasaki levaram os nipônicos a revidar por meio do ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor.
- d) o lançamento das duas bombas atômicas levou o governo japonês a solicitar o armistício dias depois das explosões ocorridas em Hiroshima e Nagasaki.
- e) as bombas de Hiroshima e Nagasaki lançadas pelos Estados Unidos, em agosto de 1945, causaram a curto prazo milhares de mortes e, a longo prazo, a incidência de muitas doenças causadas pela radioatividade.

5. (Enem)

Com sua entrada no universo dos gibis, o Capitão chegaria para apaziguar a agonia, o autoritarismo militar e combater a tirania. Claro que, em tempos de guerra, um gibi de um herói com uma bandeira americana no peito aplicando um sopapo no Führer só poderia ganhar destaque, e o sucesso não demoraria muito a chegar.

COSTA, C.

Capitão América, o primeiro vingador: crítica.

Adaptado de: revistastart.com.br.

Acesso em: 27 jan. 2012.



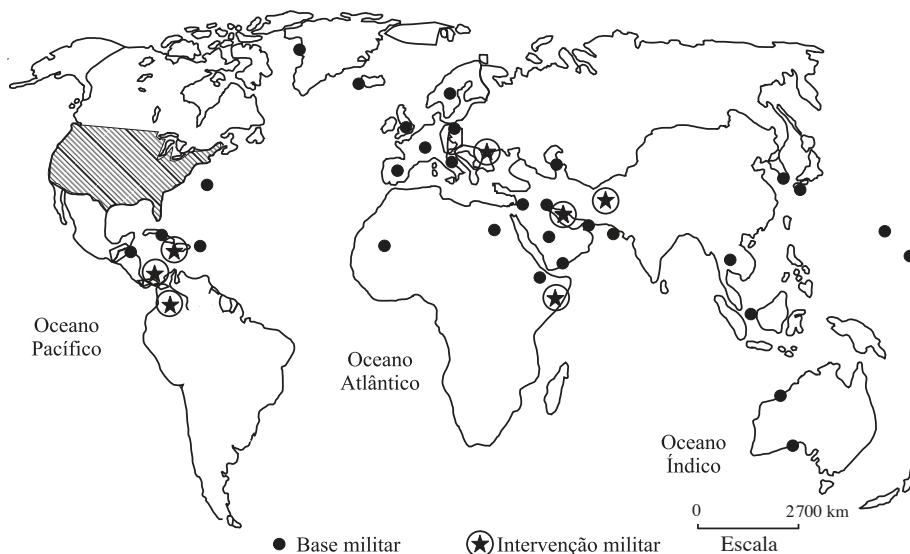
Disponível em: quadro-a-quadro.blog.br. Acesso em: 27 jan. 2012.

A capa da primeira edição norte-americana da revista do Capitão América demonstra sua associação com a participação dos Estados Unidos na luta contra

- a) a Tríplice Aliança, na Primeira Guerra Mundial.
- b) os regimes totalitários, na Segunda Guerra Mundial.
- c) o poder soviético, durante a Guerra Fria.
- d) o movimento comunista, na Guerra do Vietnã.
- e) o terrorismo internacional, após 11 de setembro de 2001.

6. (Unifesp) O mapa indica bases da principal potência militar do mundo e suas intervenções, a partir de 1990.

Bases militares e intervenções dos EUA, 2005



Fonte: *Le Monde Diplomatique*, 2006. Adaptado.

831-7

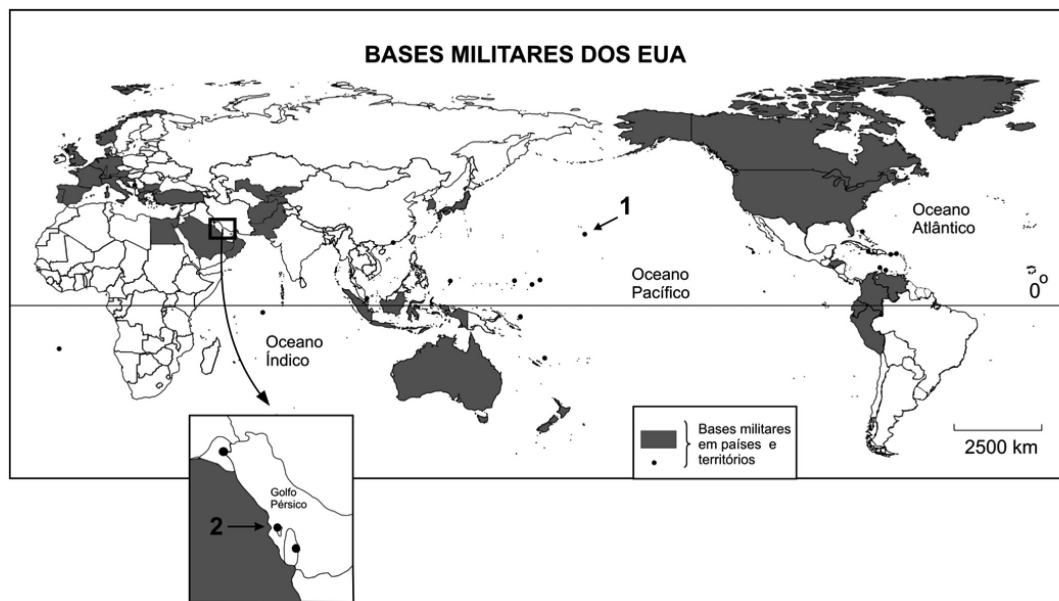
a) Explique a presença de bases militares dos Estados Unidos na Europa.

O principal motivo são os interesses políticos e econômicos. É nesse continente que estão os mais importantes parceiros comerciais e institucionais estadunidenses.

b) Explique a intervenção dos Estados Unidos na Colômbia.

Com o objetivo de dominar todas as regiões do planeta, os Estados Unidos buscaram um aliado na América do Sul. O país que tradicionalmente mais tem se mostrado próximo das propostas estadunidenses, nessa parte do continente, é a Colômbia. A justificativa dos Estados Unidos, em suas intervenções nesse país, normalmente referem-se ao combate ao tráfico de drogas.

7. (Fuvest)



Fonte: mrzine.monthlyreview.org/foster171106. Acesso em: out. 2007.

Segundo estimativas, após 11 de setembro de 2001, quando ocorreram os atentados às Torres Gêmeas e ao Pentágono, os Estados Unidos aumentaram em cerca de 20% sua presença militar ao redor do mundo. Estima-se também que por volta de 300 mil soldados estejam em bases militares norte-americanas em mais de 140 países. Considerando o mapa acima,

a) identifique os locais indicados pelos números 1 e 2.

O local apontado com o número 1 é o Havaí e com o número 2 é o Bahrein.

b) cite e explique ao menos um motivo para a manutenção, pelos Estados Unidos, de bases militares em cada um dos locais mencionados no item a.

O Havaí pertence aos Estados Unidos desde o final do século XIX, e a presença de bases militares nesse arquipélago deve-se a sua localização estratégica. Situado no centro do Oceano Pacífico, é ponto de passagem de importantes rotas comerciais, fato que amplia a relevância econômica dos Estados Unidos na região. Além disso, as bases militares protegem esse estado estadunidense de possíveis ataques, como os realizados durante a Segunda Guerra Mundial. Já a presença de soldados estadunidenses no Golfo Pérsico, como nas bases localizadas no Bahrein, deve-se a dois motivos principais: petróleo e combate ao terrorismo. O Oriente Médio destaca-se como a maior região produtora de petróleo do mundo, enquanto os Estados Unidos são o maior centro consumidor. Nesse contexto, o Golfo Pérsico é estratégico, concentrando a maior passagem de petroleiros do mundo. As bases militares nessa região do Oriente Médio facilitam o combate a grupos terroristas inimigos dos Estados Unidos e a governos que simpatizam com suas ações.



RODA DE LEITURA

Escrito em 2013, o texto do professor Reginaldo Nasser “Iraque 10 anos depois: a guerra é um grande negócio”, especialista em Relações Internacionais, continua atualíssimo. Nele o autor demonstra que a guerra hoje é provavelmente o negócio mais lucrativo, não importando seus custos humanos. Ao mesmo tempo, Nasser relaciona a importância dessa indústria com a economia dos Estados Unidos, isto é, para o benefício de algumas empresas multibilionárias do setor.

A seguir, reproduzimos partes do texto. Leia-o com atenção.

[...] Estima-se que durante esses dez anos mais de um milhão de soldados norte-americanos foram enviados para o Iraque: 4483 foram mortos, 33 mil feridos e mais de 200 mil diagnosticados com transtorno de estresse pós-traumático. A taxa de suicídio é 26% entre os veteranos masculinos de 18 a 29 anos. O número exato de civis iraquianos mortos ainda é desconhecido, mas as estimativas situam entre 150 a 500 mil e três milhões de pessoas deslocadas internamente. [...] No que se refere aos custos econômicos da guerra, as cifras são assustadoras. Segundo J. Stiglitz (Prêmio Nobel de economia) beira os 4 trilhões de dólares. A dívida dos EUA subiu de \$ 6,4 trilhões em março de 2003 para US\$ 10 trilhões em 2008 (antes da crise financeira), sendo que pelo menos 25% do montante é diretamente atribuível à guerra. [...] a invasão do Iraque abriu um novo e poderoso mercado: o da reconstrução das nações. [...] Na terceira e mais duradoura etapa da guerra, o governo norte-americano contratou centenas de empresas para uma gama enorme de atividades sob a rubrica “reconstrução”: infraestrutura do país (sistemas de água, eletricidade, gás e transporte), escolas e hospitais; serviços de segurança aos “novos trabalhadores”, treinamento das forças iraquianas e suporte logístico às operações antiterrorismo; serviços financeiros, e, naturalmente, a sua indústria petrolífera. [...] Em 2008, os dez principais fornecedores de serviços militares receberam cerca de US\$ 150 bilhões em contratos. Para perpetuar este ciclo, altamente lucrativo, essas corporações reciclam (ou reinvestem) parte dos bilhões de dólares adquiridos com a guerra em ações de *lobby* e contratação de antigos oficiais renomados para a sua diretoria, que facilitam o processo de contratação. A Lockheed Martin, empresa que mais possui contratos na

área de segurança militar, em todo o mundo, doou mais de um milhão de dólares para deputados e senadores de diferentes partidos em 2009. Sua diretoria é composta por antigos funcionários do governo: o ex-vice-secretário de Defesa, o ex-comandante do Comando Estratégico, o ex-vice-secretário de Segurança Doméstica. Vale dizer que seu rendimento anual é de US\$ 40 bilhões de dólares, dos quais, ao menos 35 bilhões são provenientes de contratos com o governo norte-americano. Mas a Lockheed Martin não é exceção: a estrutura se repete à medida que analisamos outras empresas como Northrop Grumman, Boeing, CACI, Parsons Corp Pasadena. O presidente Obama e os democratas não alteraram em nada a política da “guerra sem fim” contra o terror iniciada por Bush. [...] Ou seja, a suposta irracionalidade das ações contraproducentes no terreno militar, durante esses 10 anos no Iraque, é mais aparente do que real e não se trata, como querem ver alguns críticos da ação dos EUA, de uma guerra interminável no sentido de carecer de objetivos claramente definidos ou mal executados. A elite no poder sabe muito bem o que se espera desse estado de guerra permanente: a expansão dos negócios, domínio de territórios e influência política.

NASSER, Reginaldo Mattar.

Iraque 10 anos depois: a guerra é um grande negócio.

Carta Maior. Disponível em: cartamaior.com.br/?/Especial/Os-Dez-Anos-da-Invasao-do-Iraque/Iraque-dez-anos-depois-a-guerra-e-um-grande-negocio-/177/27750.

Acesso em: 30 jun. 2016.

Após a leitura indicada, desenvolva um texto dissertativo relacionando a política doméstica e externa dos Estados Unidos e a indústria bélica. Finalize sua análise com possíveis perspectivas. Quer dizer: o que esperar do futuro? Isso pode ser mudado? Como? Eventualmente, há a possibilidade de resistência por parte de outros países? Qual seria o papel da política externa brasileira nessa conjuntura?



NAVEGAR

:: Sites

Há dois *sites* brasileiros bastante interessantes de análise a respeito dos Estados Unidos, especialmente quanto às políticas externas:

Observatório Político dos Estados Unidos (Opeu)

Disponível em: opeu.org.br. Acesso em: 29 jun. 2016. Dirigido pelo professor Sebastião Velasco e Cruz, um dos mais destacados cientistas políticos do Brasil atual, o site oferece estudos e análises de conjuntura pertinentes ao tema, bem como vídeos e indicadores econômicos.

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-ineu)

Disponível em: ineu.org.br. Acesso em: 29 jun. 2016. Seu coordenador geral é o professor Tullo Vigevani, pesquisador brasileiro internacionalmente reconhecido na área de política externa. Suas publicações são essenciais para o aprofundamento de análises da geopolítica mundial e dos Estados Unidos.

:: Livro

STONE, Oliver; KIZNICK, Peter. *A história não contada dos Estados Unidos*. Florianópolis: Faro Editorial, 2015.

O conhecidíssimo cineasta Oliver Stone (diretor de *Platoon* e *Nascido em 4 de julho*, entre outros sucessos), em parceria com Peter Kuznick, estabelece, com mais intensidade ao longo de todo o século XX, uma forte conexão entre a história da política nacional dos Estados Unidos e a guerra. Os autores mostram causas e bastidores do comportamento de “polícia do mundo” adotado pelas elites políticas desse país. É um daqueles livros que não conseguimos largar até chegarmos em sua última página.



FARO EDITORIAL

a ampliação dos negócios do complexo militar industrial. Isso sem falar em *Tiros em Columbine*, de 2002, em que examinou a obsessão nacional por armas de fogo. Em *Onde invadir agora?*, aprofunda sua análise a respeito da “indústria da morte”, defendendo a ideia de que o governo dos Estados Unidos apoia uma política externa permanente de agressão militar por todo o planeta. O motivo é sempre o mesmo: defender os lucros da indústria militar e manter o controle político em várias outras regiões do mundo.

ÁGORA

Estudos publicados em 2014 (com dados referentes a 2013) mostram que o orçamento do governo federal dos Estados Unidos, no item defesa (defesa contra quem e o quê?), totalizou 640 bilhões de dólares. Os oito países listados a seguir consumiram, juntos, 607 bilhões. Logo, sozinhos, os Estados Unidos gastam mais com armas do que os outros oito maiores juntos: China, Rússia, Arábia Saudita, França, Reino Unido, Alemanha, Japão e Índia. Os nove, portanto, contabilizam 1 trilhão e 247 bilhões de dólares. Em reais, a soma chega a 4,21 trilhões.¹

Por outro lado, de acordo com a ONU, o investimento total para acabar com a fome de 800 milhões de seres humanos custaria, até 2030, 267 bilhões de dólares. Considerando-se que os gastos militares dos nove países mencionados continuem os mesmos (entre 2016 e 2030 – quinze anos), seriam consumidos 18 trilhões e 705 bilhões de dólares. Ou seja, com menos de 1,5% do que nove países gastarão com a indústria da “morte” seria possível acabar com a fome no planeta.

Debata utilizando as questões indicadas e outras que surgirem com a reflexão coletiva: a fome é causada pela falta de recursos ou alimentos? Quando autoridades (públicas ou privadas) dizem que realmente planejam acabar com a fome e que para isso é necessário agregar recursos ainda não disponíveis, o que podemos afirmar? Por que não se acaba com a fome, de fato? Como mudar o cenário dominante da indústria bélica? O que levou a humanidade a essa situação?

:: Filme



REPRODUÇÃO

Onde invadir agora?

Direção: Michael Moore. Estados Unidos, 2015.

Esse é mais um documentário ácido e irreverente do famoso Michael Moore. Em 2004, com *Fahrenheit – 11 de setembro*, o cineasta investigou a relação entre a “guerra contra o terror” e

¹ Câmbio de 20 de junho de 2016, cotação para o dólar em R\$ 3,38.



Se agora não temos comunistas para combater, os eleitos serão basicamente terroristas árabes, asiáticos e latinos; zumbis e alienígenas. Hollywood será essencial nessa mudança de mentalidade.

831-7



SUPERSTOCK/GETTY IMAGES

Antigamente invadíamos os mercados estrangeiros com mercadorias. Hoje invadimos culturas inteiras com pacotes de informação, entretenimento e ideias.

Marshall McLuhan, criador da expressão “aldeia global”.

Hegemonia cultural e vigilância global

São duas as ideias fundamentais deste capítulo. A primeira trata do exercício de hegemonia (ou domínio) cultural praticado pelos Estados Unidos em todo o planeta, inclusive no Brasil, além do monitoramento de informações que circulam globalmente. De maneira alguma são teorias da conspiração, pois, em ambos os casos, há fartas evidências. O objetivo não poderia ser outro: controlar territórios para propósitos político-econômicos, isto é, interesses geopolíticos.

Já está consolidado na ciência política que o domínio de qualquer território ocorre ou pela força, ou pelo convencimento (ideias), ou por uma mistura entre esses dois elementos. É exatamente essa a essência da política externa dos Estados Unidos desde o final do século XIX, conforme já declarado.

Quando se fala de hegemonia cultural muito tem a ver com o que normalmente se entende por entretenimento. A música que ouvimos para relaxar ou para dançar; o filme a que assistimos com as pessoas queridas comendo pipoca; as formas de diversão; o que lemos; entre várias outras formas possíveis do que também se chama de lazer. Pois a cultura é também o modo pelo qual, de maneira geral, nos comportamos e nos expressamos.

Controlar por meio da ideia é a forma mais eficaz. Por quê? Porque não só não haverá resistência, mas também porque os convencidos ajudam a convencer, direta ou indiretamente, os que ainda não foram convencidos. Em outras palavras, quando alguém admite como corretos uma ideia ou um comportamento, irá defendê-los ao menos se tornando exemplo para eles. Ninguém muda se não acredita que é necessário mudar, não é mesmo?

Seguindo esse raciocínio, não é necessário que o convencimento se faça de maneira direta. Quer dizer, se

desejamos inculcar uma ideia ou um hábito não é preciso que isso esteja explícito. Ao educar uma criança, por exemplo, a maneira mais falha é dizer diretamente o que ela deve ou não deve fazer. Se as pessoas do convívio daquela criança adotam determinada cultura cotidiana, a tendência é que o hábito ou o pensamento seja copiado por aqueles que estão no mesmo meio. Aliás, quando justamente queremos criar contraposição, basta que se dê uma ordem direta àquela criança... Provavelmente ela resistirá.

Grosso modo, o mesmo ocorre na “moldagem” comportamental e intelectual de uma sociedade. Obrigar somente “funciona” em ditaduras, mas os “efeitos colaterais” de um grupo social sob comando autoritário normalmente são muito caros. A resistência social ocorrerá, o que exigirá um aumento da repressão, e assim se cria um círculo vicioso. Nada melhor, nesse sentido, do que fazer a sociedade acreditar que é livre, que pensa de maneira autônoma e que aquilo que ela faz é o “normal”, o “bom” e, portanto, o “correto”. Desse modo, convence-se sem dizer que isso está sendo feito. Em uma sociedade complexa, urbana, com alta densidade demográfica e industrializada esse é o papel, especialmente, da mídia televisiva. O que também não deixa de ser reproduzido pela família, pela escola, pela igreja, entre outros atores sociais.

Calma! Não vá pensar que devemos abandonar nossa família, a escola ou outros grupos sociais que frequentamos. Não é necessário pararmos de ouvir música, dançar, divertirmo-nos, ler ou assistir à televisão etc. Pelo contrário, tudo isso pode ser positivo e contribuir para nosso crescimento intelectual e espiritual, desde que saibamos selecionar o que é bom e o que não é, o que é justo e o que não é. E para determinarmos isso, ao menos em bases mínimas, basta nos educarmos, por exemplo, utilizando os grandes autores, artistas e pensadores surgidos ao longo da história da humanidade. Não assumamos rapidamente como correto ou normal aquilo que lhe é dito ou mostrado com tal. Questione e reflita permanentemente. Saiba

entender o que é bom e o que não é. O que deve por nós ser assimilado e incorporado ou não. Afaste-se da vulgaridade, da superficialidade, da ignorância, do simplismo, do falso moralismo e do individualismo.

Isso, na verdade, é o que chamamos de educação. A educação pode ser participativa ou não. Além disso, pode proporcionar a liberdade individual em uma sociedade justa ou não. Os governos dos Estados Unidos sabem disso.

A invasão cultural estadunidense, com objetivos geopolíticos, não ocorre somente por meio de ações indiretas, quer dizer, pela propagação do *american way of life*: idioma, cinema, hábitos alimentares, música, entre outras estratégias. Autoridades e gestores incorporaram às suas políticas públicas, espalhadas pelo mundo, a aplicação de ações para o alcance específico e direto de seus objetivos. Por óbvio, não são políticas explícitas ou declaradas, ao menos no momento em que ocorrem. Anos depois, seja de uma forma ou de outra, acabam vindo à tona.

São várias as situações em diversas áreas, por exemplo, no movimento estudantil. Em 1967, a revista *Ramparts* revelou que a Agência Central de Inteligência, a CIA, financiou a National Student Association (Associação Nacional dos Estudantes) para investigar e informar atitudes consideradas suspeitas, ou seja, de estudantes que, de alguma forma, se posicionassem criticamente em relação ao *status quo*. Essa medida foi consequência direta dos protestos universitários em oposição à Guerra no Vietnã. O mesmo a CIA fazia (ou faz...) em relação aos professores, jornalistas, assistentes sociais, líderes operários etc. Alguns dos financiados pela CIA: Fundação Ford, Radio Free Europe, Radio Liberty, Congress for Cultural Freedom etc.

Outra interferência contundente dos órgãos governamentais estadunidenses está no setor sindical. Durante décadas doaram enorme quantidade de recursos financeiros e proporcionaram capacitação técnica a sindicalistas de todo o mundo, inclusive do Brasil. O objetivo era o mesmo: combater governos, sindicatos e movimentos que não fossem submissos aos interesses políticos e econômicos do governo e empresas estadunidenses. Essa real intenção era disfarçada pelo anticomunismo em nome da liberdade e da democracia.

A onipresença cultural ou o *american way of life*

O que é o *american way of life*? Traduzindo a expressão, literalmente, significa *o jeito americano de se viver*. Ou

seja, a cultura adotada pela população estadunidense para se viver. Nesse caso, trata-se de um *modus vivendi* (ou modo de viver) também assumido por vários outros povos em diversos outros países. É preciso ressaltar que não há exatamente uma forma correta ou incorreta de se viver, mas sim formas distintas em diferentes territórios em que o primordial é a tolerância, o respeito à diferença e o atendimento aos direitos humanos fundamentais.

Quando em determinada localidade se adotam os costumes e os hábitos de outras culturas, essa incorporação muitas vezes significa a destruição cultural local, no território em que ocorre, ou ao menos a colocação da própria cultura em plano secundário. Foi o que ocorreu quando os portugueses chegaram ao Brasil. A religião, os costumes, as crenças, os hábitos de trabalho, a convivência e os idiomas dos nativos indígenas foram aniquilados. Atualmente pouco resta da cultura original brasileira. E por que isso ocorreu? Por que os portugueses e seus descendentes fizeram isso? O que aqui queriam? Desejavam aproveitar-se economicamente das riquezas aqui disponíveis e, nesse sentido, as populações indígenas resistiam; por isso eram vistas como obstáculos. Convencê-las do contrário, pelas ideias ou pela força, foi o que ocorreu. Nações indígenas inteiras foram dizimadas, e delas, dessa maneira, nada conhecemos. Assim, a cultura local original do Brasil foi substituída por outra: em um primeiro momento pela portuguesa, depois pela europeia em geral e, em seguida... pelo *american way of life*.

O comportamento do povo estadunidense, seu modo de vida, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial foi, e continua sendo, transportado das localidades do território dos Estados Unidos para diversas outras em vários outros territórios do planeta, inclusive as localidades do território brasileiro. Quer dizer: copia-se o *modus vivendi* de um território em vários outros. Os seriados de televisão de que tanto gostamos, as músicas, o hambúrguer, a batata frita e o refrigerante (quase sempre a Cola-Cola), a calça *jeans*, a utilização diária de várias palavras em inglês, mesmo que haja correspondência para o português; tudo isso e muito mais fazem que, aos poucos, deixemos nossa cultura original, nossos folclores, o conhecimento de nossos antepassados e passemos a encarnar, a entender como bom, correto e normal o que vem de fora, no caso, o que vem da cultura estadunidense. E tal fenômeno, é importante sublinhar, não ocorre somente no Brasil.

Por que nas lojas utiliza-se, muitas vezes, a palavra *off* e não, simplesmente, desconto? Por que dizemos *OK*, que, dentre alguns significados, é a abreviatura de *all right*, em vez de falarmos tudo bem? Por que substituímos o suco

natural, abundante em um país tropical como o Brasil, por refrigerante? Por que conhecemos melhor músicos, compositores e bandas de fala inglesa do que as do continente sul-americano e até brasileiro? Por que andamos de *bike*, e não de bicicleta? Por que comemos *bacon*, e não toucinho defumado? Lá, nos Estados Unidos, fazem o que aqui nós fazemos com nossa cultura? Por que muitas vezes classificamos o produto cultural de origem nacional como ruim ou de má qualidade, substituindo-o

pelo estrangeiro? Por que achamos o *cowboy* fascinante e o caipira brasileiro um rude provinciano? O que conhecemos da cultura sul-americana de fala espanhola que nos rodeia?

Conhecer e aproveitar culturas estrangeiras não é, em si, ruim. Pelo contrário, o intercâmbio contribui para o desenvolvimento cultural e para o respeito das diferenças. O que se torna prejudicial é desprezar a própria cultura, tornando-a secundária ou mesmo destruindo-a.



Propaganda pública nos Estados Unidos, afirmando: “O mais alto padrão de vida – Não há nada igual ao jeito americano de se viver”.

Historicamente, o processo do *american way of life* foi acelerado, como já indicado, ao final da Segunda Guerra Mundial. Um de seus aspectos, voltados diretamente às famílias, exhibe as “vantagens” do consumo (que depois se transformou em consumismo) da “vida moderna”, incluindo desde a utilização do automóvel particular até o conforto proporcionado pelo uso dos eletrodomésticos no cotidiano.

:: Estrangeirismo

Como sugerido, uma das formas de invasão cultural é a adoção de expressões estrangeiras no próprio idioma quando não há necessidade de que isso ocorra. Ou seja, se a própria língua oferece palavras para expressar o que se deseja não é preciso a incorporação de termos em outros idiomas. É esse exatamente o significado do conceito de estrangeirismo, estudado pela linguística.

É claro que os idiomas são realidades vivas e dinâmicas que se transformam permanentemente, sendo modificadas por seu próprio uso, incorporando novas expressões, palavras e significados ao mesmo tempo que outros vocábulos caem em desuso. Uma das formas de funcionamento desse mecanismo é a relação com

outros idiomas. Portanto, não se deve negar a mútua influência entre as diferentes línguas, mas o que é condenável é o exagero e o artificialismo ao se absorver, desnecessariamente, significados estrangeiros.

Sempre com o uso do bom senso e do meio-termo, a preservação do próprio idioma resguarda também a identidade de um território, de um povo e de uma nação. Quando isso não é garantido, o país perde, deixando de ser o que é e colocando em risco seu futuro. A estratégia de dominação geopolítica tem um de seus pilares, como vimos, no convencimento, nas ideias. O idioma inglês faz parte dessa estratégia: partiu de determinado território (Estados Unidos), expandindo-se e colocando-se em várias outras localidades espalhadas pelo mundo. Ou seja, globalizou-se.

Posto isso, antes de usar uma expressão estrangeira, faça um esforço, buscando o termo apropriado na Língua Portuguesa. Assim, além de contribuir para a manutenção da identidade de seu país, poderá melhorar o próprio vocabulário. O que nunca impedirá, de maneira alguma, o estudo de idiomas estrangeiros, seja o inglês, o espanhol, o mandarim, entre outros.

Exemplos de anglicismos – estrangeirismos a partir do idioma inglês

Em vez de dizer	Você pode dizer
<i>Bike</i> (abreviação de <i>bicycle</i>)	Bicicleta
<i>Browser</i>	Navegador (informática)
<i>Business plan</i>	Plano de negócios
<i>Cowboy</i>	Vaqueiro
<i>Delivery</i>	Entrega em domicílio
<i>Drink</i>	Bebida
<i>Feedback</i>	Retorno
<i>Hit</i>	Sucesso
<i>Homecenter</i>	Loja de materiais de construção (geralmente de grande porte)
<i>Link</i>	Ligação
<i>Mix</i>	Mistura, misturar
<i>Off</i>	Desconto
<i>Performance</i>	Desempenho
<i>Ranking</i>	Classificação
<i>Shopping center</i>	Centro comercial

Fonte: Elaborado pelo autor.

:: Quem irá defender o planeta? Hollywood saberá dizer!

Ao menos desde os anos 1920, após a Revolução Socialista que constituiu a URSS, os Estados Unidos justificam seus investimentos bélicos governamentais, além da corrida espacial, sempre com o fim último de combater ditaduras (ou qualquer coisa que seja diferente) em prol da liberdade e da democracia. Com o fim da Guerra Fria, foi necessária a “eleição de outros inimigos”. Os “comunistas” que “ameaçavam a América” estavam aposentados. Os primeiros eleitos para esse “papel histórico” são os considerados “terroristas”. Aliás, no caso do Brasil, os militantes comunistas eram também reconhecidos como “terroristas” tanto pelas autoridades governamentais quanto pela maior parte da mídia durante a última ditadura civil-militar.

Alguns grupos civis e militares nos Estados Unidos, então, passaram a chamar de terroristas (ou terroristas em potencial) todo muçulmano, árabe ou não. Entra nesse grupo, em menor grau, parte dos asiáticos, especialmente, na atualidade, do Sudeste Asiático – quer dizer, os norte-coreanos. Os latino-americanos já tiveram sua posição de “terroristas” até cerca do final dos anos 1980. “Coincidentemente”, nesse período vivíamos uma transição democrática.

Ao longo dos anos 1960 e 1970, filmes e seriados estadunidenses, que exibiam a imagem desejada pelo governo e pelo sistema que ele representava, eram abundantes e se espalharam rapidamente nos países capitalistas ocidentais. Muitos deles fizeram sucesso no Brasil e, mais uma vez sublinha-se, ninguém terá a inteligência comprometida se ouvir, ler ou assistir a conteúdos com mensagens ideológicas favoráveis ao *american way of life*. O importante é possuir a capacidade crítica de identificar consciente e criticamente os significados dos conteúdos.

Entre os seriados que fizeram muito sucesso no Brasil, e até hoje fazem, pode-se citar o *Lost in Space* (“Perdidos no Espaço”, dirigido por Irwin Allen e produzido entre 1965-1968). Nessa época, o nível de violência era inúmeras vezes menor do que em *games* e filmes atuais, o que não enfraquecia sua capacidade de comunicação ideológica. Aparentemente ingênuos, os Robinsons sintetizavam o padrão de família: todos brancos, e os homens mandavam e eram corajosos. Esse grupo era representado pelo professor John Robinson, que também detinha o conhecimento, e o Major (vejam, um militar!) Don West. As mulheres (a esposa Maureen e a filha Judy), sempre dóceis, calmas e diligentes, serviam como apoio aos empreendimentos masculinos. Outra particularidade feminina era o temor diante das ameaças e imprevistos, mas, elas sempre podiam contar com a proteção masculina. Além de alimentar determinado padrão de família heterossexual, outra personagem bastante característica da Guerra Fria era o “doutor” (aliás, nenhuma mulher no seriado era caracterizada pelo conhecimento, muito menos científico e muito menos com o título de doutora) Zachary Smith. Este era um espião atrapalhado que acabou embarcando, por engano, na espaçonave Júpiter 2 em direção a um planeta do sistema Alfa Centauro. Smith, é óbvio, tratava-se de um espião soviético. Em todas as viagens e aventuras do seriado era sempre o vilão: enganava, traía, mentia, além de ser totalmente individualista e ardiloso. Mas, diante do “infinito espírito de justiça” da família Robinson, era sempre perdoado e muito bem tratado. Os Robinsons encarnavam a busca pela liberdade conquistada pelo esforço individual e, é claro, pela enorme máquina militar e espacial dos Estados Unidos.

831-7

Eram vários os seriados nesse período que, de forma mais ou menos semelhante ao *Perdidos no Espaço*, transmitiam a mensagem do anticomunismo; da coragem empreendedora; da liberdade e da democracia; da importância dos meios militares; e da exploração espacial. Tudo muito conveniente aos propósitos da Guerra Fria e dos princípios do capitalismo. O próprio diretor Irwin Allen criou outras séries memoráveis: *Viagem ao Fundo do Mar*, *O Túnel do Tempo* e *Terra de Gigantes*.

Uma quantidade ainda maior de outros filmes e seriados continuou a ser produzida a partir dos anos 1980 até hoje. A variedade é imensa. Atualmente são, entre outros, grandes sucessos produções que retratam a dominação do mundo por zumbis, catástrofes globais e alienígenas. Quem e como vai defender o planeta? Você arriscaria uma resposta?

:: Mais fast, menos food: a dieta do palhaço

O documentário estadunidense *Super size me*: a dieta do palhaço (Morgan Spurlock, 2004 – indicado na seção **Navegar** desta aula) denuncia as graves consequências causadas ao corpo humano pelo consumo excessivo dos *fast-foods*. Os prejuízos são tão nocivos à saúde pública que há em vários países movimentos contrários a esse tipo de alimentação – trata-se do *slow food*. Quer dizer, uma comida “mais lenta”: saudável e nutritiva, feita com a família, no ambiente caseiro e sem a pressa das lanchonetes.

Por que um Big Mac com Coca-Cola e *sundae*, todos cheios de açúcar e gordura, devem substituir nosso saudável e tradicional arroz com feijão, salada de alface, bife e na sobremesa goiabada cascão? Além de serem nefastos à saúde, de serem consumidos sem a devida mastigação, acabam fazendo desaparecer o ritual da refeição em família, que muitas vezes é o único momento de confraternização do dia, em que todos falam e ouvem, dão opiniões; em que os pais trocam ideias e até acompanham ou complementam a educação dos filhos.

Está comprovado que o consumo constante de alimentos *fast-food* causa obesidade, diabetes, problemas cardíacos, úlcera, carência de nutrientes, entre vários outros malefícios. Entre crianças e adolescentes, os efeitos negativos são ainda piores, pois os organismos não estão completamente formados. Nessa fase, o consumo de quantidades insuficientes de vitaminas essenciais pode comprometer o crescimento e o desenvolvimento cognitivo, do mesmo modo que aumenta o risco de doenças crônicas na vida adulta.

Segundo o diretor da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), o brasileiro José Graziano da Silva, os comerciais de televisão influenciam as crianças no sentido de que consumam *fast-food*. Por isso, afirma que a questão deve ser regulamentada com o objetivo de protegê-las. Outra medida essencial, também de acordo com Graziano: as escolas deveriam incluir em seus currículos a educação alimentar saudável. Um dos obstáculos para que medidas efetivas, como as mencionadas, sejam tomadas, está no poder financeiro do setor. Um estudo da empresa britânica Mintel indica que em 2018 o território brasileiro contará com 480 mil pontos de venda de *fast-food*, lucrando R\$ 75 bilhões.

O consumo de *fast-food* surgiu no pós-guerra nos Estados Unidos, década de 1950, quando o sistema capitalista estava em pleno auge naquele país e o ritmo de vida dos trabalhadores e das famílias se acelerava. As novas circunstâncias facilitaram a mudança em direção às refeições *fast*, ou seja, mais rápidas. De hábito construído em cidades (localidades) estadunidenses, espalhou-se para todo o mundo, globalizando-se.

Sorria (ou cuidado): você está sendo vigiado!

Nos últimos anos, duas personalidades revelaram ao mundo, de maneira inegável, a política permanente e sistemática aplicada há décadas pelo governo federal dos Estados Unidos, de espionar quem quer que seja, sem qualquer tipo de escrúpulo ou ética. Por isso, Edward Snowden e Julian Assange são odiados e perseguidos pelas autoridades estadunidenses, já que tornaram públicos projetos e políticas em todos os setores possíveis.

Snowden, após ter trabalhado para a NSA e a CIA (ambas reportadas na sequência), resolveu denunciar as práticas desenvolvidas por considerá-las altamente prejudiciais à humanidade. Para conseguir divulgar a enorme quantidade de informações ultrassecretas em seu poder, contou com a ajuda principalmente do jornalista Glenn Greenwald, morador do Brasil desde 2005. Em reconhecimento a seus atos, Snowden foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz e desde 2013 é asilado político na Rússia.

Assange, em 2006, fundou o WikiLeaks, um *site* que divulga informações também ultrassecretas pertinentes a crimes de guerra, espionagens, invasões, desrespeito aos direitos humanos e vários outros tipos de ações ilegais ou imorais. Os culpados invariavelmente são grandes empresas e governos, entre eles, em especial, o dos

Estados Unidos. A fúria que despertou sobre sua pessoa fez que pedisse asilo político na embaixada equatoriana de Londres, onde está desde 2012 e não pode sair nem mesmo para realizar exames médicos.

:: As agências de espionagem dos Estados Unidos

O governo federal dos Estados Unidos mantém ao menos dezesseis organizações estatais destinadas à obtenção e à análise de informações (em outras palavras, espionagem) colhidas em todo o mundo em qualquer território e sobre qualquer cidadão, desde o mais poderoso até o mais comum. Todas as mensagens por e-mails, conversas telefônicas ou por rádio ou ainda sob qualquer meio remoto podem ser captadas e investigadas, o que é feito sem qualquer tipo de ação judicial ou autorização.

Entre as agências, além da bastante conhecida CIA, há também a NSA, que se tornou recentemente famosa, pelas denúncias de Edward Snowden. A seguir, são descritas algumas das principais.

CIA (Agência Central de Inteligência)

A mais conhecida de todas as agências de inteligência. Tornada famosa por Hollywood, é extremamente atuante no campo político. Fornece informações para os altos escalões governamentais dos Estados Unidos. Criada em 1947, sua missão declarada é garantir a segurança nacional. Afirma não poder tornar público seu orçamento e quantidade de funcionários.

Disponível em: www.cia.gov. Acesso em: 4 jul. 2016.

DIA (Agência de Inteligência de Defesa)

Possui 16 500 profissionais atuando na área da inteligência em todo o mundo e executando atualmente 87 missões. Produz informações para o estabelecimento de estratégias militares internacionais ou domésticas.

Disponível em: www.dia.mil. Acesso em: 4 jul. 2016.

NGA (Agência Nacional de Inteligência Geoespacial)

Com aproximadamente 14 500 funcionários, possui parcerias com mais de 400 entidades governamentais e privadas em todo o mundo. Sua missão é oferecer informações estratégicas ao presidente do país e agentes públicos em decisões relacionadas a contraterrorismo, armamentos de destruição em massa, crises políticas globais etc.

Disponível em: www.nga.mil. Acesso em: 4 jul. 2016.

NRO (Escritório Nacional de Reconhecimento)

Monitora todo o planeta por meio de seus satélites. As informações obtidas verificam possíveis lançamentos de mísseis inimigos e agressões militares potenciais. Oferece também informações precisas sobre navegação e localização. Em seu portal na internet, possui *site* específico para crianças e jovens.

Disponível em: www.nro.gov. Acesso em: 4 jul. 2016.

NSA (Agência de Segurança Nacional)

Ficou famosa por grampear empresas e lideranças políticas de importância global, como Dilma Rousseff e Angela Merkel (Alemanha). No Brasil, também espionou o Banco Central, a Petrobras e integrantes da Casa Civil, do Ministério da Fazenda, das Relações Exteriores etc. Seu objetivo é coletar e processar informações obtidas por meios eletrônicos de qualquer lugar do mundo para apoiar estratégias militares e de contrainteligência. Também tem a função de impedir que inimigos estrangeiros consigam dados relacionados à segurança dos Estados Unidos.

Disponível em: www.nsa.gov. Acesso em: 4 jul. 2016.

Twenty-Fifth Air Force (Força Aérea 25ª)

É o serviço de segurança e inteligência da Força Aérea dos Estados Unidos criado em 1948. Tem como função monitorar, vigiar e realizar reconhecimento de atores considerados perigosos.

Disponível em: www.25af.af.mil. Acesso em: 4 jul. 2016.

São, assim, “apenas” dezesseis gigantes estatais (mantidas pelo governo federal dos Estados Unidos) relacionadas especificamente à espionagem. É claro que a invasão da privacidade não é privilégio do governo dos Estados Unidos. Países como Inglaterra, França, Rússia e até mesmo o Brasil, com a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e a Polícia Federal, investigam a vida alheia. Mas, como vimos, os Estados Unidos estão muito à frente de qualquer outra nação ou agência.

Percebe-se que a preocupação do governo dos Estados Unidos com o conhecimento sobre o que ocorre em todo o planeta é enorme. As agências mencionadas são bastante organizadas, estruturadas e contam com equipes altamente qualificadas e orçamentos bilionários. É óbvio que a quantidade de dados colocados à disposição possibilita a aplicação de estratégias intervencionistas em qualquer lugar e sobre qualquer tema, conferindo um enorme poder político, muito maior do que qualquer outro país, empresa ou organização jamais pensou possuir.

EXERCÍCIO

1. (Enem)

Falava-se, antes, de autonomia da produção significar que uma empresa, ao assegurar uma produção, buscava também manipular a opinião pela via da publicidade. Nesse caso, o fato gerador do consumo seria a produção. Mas, atualmente, as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzirem os produtos. Um dado essencial do entendimento do consumo é que a produção do consumidor, hoje, precede a produção dos bens e dos serviços.

SANTOS, Milton.

Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.
Rio de Janeiro: Record, 2000. Adaptado.

O tipo de relação entre produção e consumo discutido no texto pressupõe o(a)

- a) aumento do poder aquisitivo.
- b) estímulo à livre concorrência.
- c) criação de novas necessidades.
- d) formação de grandes estoques.
- e) implantação de linhas de montagem.

ESTUDO ORIENTADO

Caro(a) aluno(a),

Aqui o essencial é entender o papel da inteligência (espionagem) e da dominação ideológico-cultural na estratégia geopolítica dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, esse conjunto deve sempre estar associado ao que foi visto na aula anterior, o poder conquistado pela força.

Bons estudos!

EXERCÍCIOS

1. (UEL) Observe a figura a seguir.



LIECHTENSTEIN, Roy.

Super-Homem, 1964. Serigrafia. Disponível em: icclebexart.webs.com. Acesso em: 29 jul. 2011.

O Super-Homem ganha poderes pelos efeitos dos raios solares, mas tem uma fraqueza: o minério criptonita. O Homem-Aranha adquire habilidades depois da picada de um aracnídeo. O Quarteto Fantástico nasce dos efeitos de uma tempestade cósmica. Um a um, os elementos da natureza tornam-se importantes para o nascimento de vários super-heróis. Porém, mais do que superpoderosos, esses heróis de Histórias em Quadrinhos (HQ) também “escondem um segredo”:

- I. Reforçam a ideologia de uma nação soberana, a estadunidense, protegida dos inimigos, o que a credenciaria como mantenedora da liberdade mundial.
- II. Veiculam subliminarmente a crença da supremacia dos brancos, enquanto suposta raça mais

831-7

forte e inteligente diante dos demais grupos étnicos do planeta.

- III. Defendem a ideologia da igualdade necessária entre as classes, sem a qual o mundo não poderia viver em paz e em harmonia.
- IV. Reconhecem que os verdadeiros super-heróis não precisam de superpoderes, desde que sejam pessoas boas e altruístas.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

2. (UFFS) É uma forma de cultura produzida industrialmente e tem por objetivo a lucratividade das corporações de mídia que nela investem grande capital em máquinas e infraestrutura fabril. Utiliza tecnologia de ponta, destina-se a um grande público anônimo e impessoal e é distribuída por meio do mercado e depende de patrocinadores:

- a) Cultura erudita.
- b) Cultura popular.
- c) Cultura de massa.
- d) Cultura midiática.
- e) Cultura eletrônica.

3. (UENP)

Um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação. Conforme já vimos, as novas técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas de informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares [...] aprofundando assim os processos de criação de desigualdades.

SANTOS, Milton.

Por uma outra globalização.
Rio de Janeiro: Record, 2000.

O fragmento de texto critica as redes informacionais surgidas com a globalização. Por quê?

- a) Difundem a ideologia da classe dominante, contribuindo dessa forma para a acumulação capitalista.

- b) Favorecem discordâncias entre as elites.
- c) Contrapõem interesses políticos e econômicos.
- d) Difundem e ampliam o conhecimento favorecendo a inclusão.
- e) Estão nas mãos das grandes empresas midiáticas e são utilizadas por “um punhado de atores”.

4. (Unicentro)

A indústria cultural, com suas vantagens e desvantagens, pode ser caracterizada pela transformação da cultura em mercadoria, com produção em série e de baixo custo, para que todos possam ter acesso. É uma indústria como qualquer outra, que deseja o lucro e que trabalha para conquistar o seu cliente, vendendo imagens, seduzindo o seu público a ter necessidades que antes não tinham.

PARANÁ.

Livro didático de Sociologia.
Curitiba, 2006. p.156.

Assinale a alternativa correta.

- a) A indústria cultural não é uma característica da sociedade contemporânea. Ela é um produto natural em qualquer sociedade.
- b) A indústria cultural é responsável por criar no indivíduo necessidades que ele não tinha e transformar a cultura em mercadoria.
- c) A indústria cultural não influencia as necessidades do indivíduo com sua produção em série e de baixo custo.
- d) A indústria cultural faz com que o indivíduo reflita sobre o que necessita, não desejando lucro.
- e) A indústria cultural prioriza a heterogeneidade de cada cultura.

5. (UFU) Com relação à chamada cultura de massas ou à mercantilização da cultura, marque a alternativa correta.

- a) Para os autores da teoria crítica, as modernas sociedades industrializadas desenvolvem uma produção cultural diversificada, produzida pelas massas. Essa produção tem por objetivo a satisfação das necessidades humanas, independentemente da lógica do mercado.
- b) De acordo com a teoria crítica, as sociedades modernas capitalistas têm como característica fundamental

a produção do valor de troca, o que possibilita a existência de uma produção artística e cultural totalmente independente da lógica do mercado.

- c) Segundo os autores da chamada teoria crítica, há uma tendência, na moderna sociedade capitalista, de transformar tudo em mercadorias, fazendo com que o critério estético das pessoas passe a ser diferente daquele pelo qual as mercadorias são analisadas. Esse outro critério é fundado na exterioridade e na lógica de mercado.
- d) De acordo com a teoria crítica, há uma tendência na sociedade moderna capitalista de transformar tudo em mercadoria, fazendo com que o critério estético das pessoas passe a ser o mesmo das coisas. Esse critério funda-se na exterioridade e na lógica do mercado.
6. (UEL) De acordo com a crítica à “indústria cultural”, na sociedade capitalista avançada, a produção e a reprodução da cultura se realizam sob a égide da padronização e da racionalidade técnica.
No contexto dessa crítica, considerando o *fast-food* como produto cultural, é correto afirmar:
- a) A padronização dos hábitos e valores alimentares obedece aos ditames da lógica material da sociedade industrializada.
- b) O consumo dos produtos da indústria do *fast-food* e a satisfação dos novos hábitos alimentares contribuem com a emancipação humana.
- c) A homogeneização dos hábitos alimentares reflete a inserção crítica dos indivíduos na cultura de massa.
- d) A racionalidade técnica e a padronização dos valores alimentares permitem ampliar as condições de liberdade e de autonomia dos cidadãos.
- e) A massificação dos produtos alimentares sob os ditames do mercado corresponde à efetiva democratização da sociedade.



RODA DE LEITURA

Em 2015, o Programa de Assistência Nutricional Suplementar dos Estados Unidos (SNAP) alimentou mais de 45 milhões de cidadãos estadunidenses ao custo total de 74 bilhões de dólares (126 dólares ao mês para a compra de comida), o que significou pouco mais de 10% do orçamento militar. Em termos gerais, podemos compará-lo

com o Bolsa Família brasileiro. A respeito dessa política pública aplicada pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, leia o texto¹ a seguir.

Múltiplos estudos econômicos [...] demonstraram que a desaceleração econômica explica a porção principal da alta no programa de assistência alimentar. [...]

Há provas esmagadoras de que os cortes de gastos aprofundam a crise, em uma economia em desaceleração, mas os gastos do governo vêm caindo. O SNAP, porém, é um programa que foi expandido, e dessa forma ajudou indiretamente a salvar centenas de milhares de empregos.

[...] Por que a recuperação não reduziu o número de beneficiários do SNAP? A resposta é que, embora a recessão tenha [...] acabado oficialmente em 2009, o que tivemos desde então é uma recuperação de e para um pequeno número de pessoas, no topo da pirâmide de distribuição nacional de renda, e nenhum dos ganhos se estendeu aos menos afortunados.

[...]

O SNAP, para resumir, é um exemplo de política pública em sua melhor forma. Não só ajuda os necessitados como os ajuda a se ajudarem. E vem fazendo ótimo trabalho durante a crise econômica, mitigando o sofrimento e protegendo empregos em um momento no qual muitas das autoridades parecem determinadas a fazer o oposto. Assim, é revelador que os conservadores tenham escolhido este programa como alvo de ira especial.

[...]

KRUGMAN, Paul.

Livre para passar fome.

Folha de S.Paulo.

Disponível em: folha.uol.com.br/colunas/paulkrugman/2013/09/1346195-livre-para-passar-fome.shtml. Acesso em: 30 jun. 2016.

Paul Krugman é um dos principais economistas em atividade nos Estados Unidos. ganhador do Nobel da Economia em 2008, colunista do *The New York Times* e professor da Universidade de Princeton, defende políticas públicas de investimento em contraposição às de austeridade fiscal ou Estado Mínimo.

Observando as reflexões desta aula e do texto referido, escreva uma dissertação confrontando o *american way of life* e o SNAP estadunidense.

¹ Publicado originalmente no jornal *The New York Times* e traduzido pelo site do jornal *Folha de S.Paulo*.



NAVEGAR

:: Site

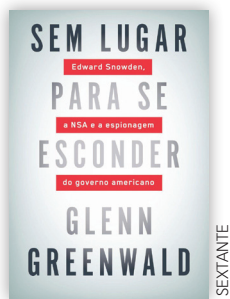
Observatório da Privacidade e Vigilância

Disponível em: privacidade.net. Acesso em: 4 jul. 2016. Criado por um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), o *site* do Observatório impulsiona a discussão relacionada ao tratamento de informações pessoais pelos governos e empresas. Ou seja, trata da privacidade individual. Com esse fim, divulga de maneira sistemática matérias publicadas pela imprensa, além de produzir artigos próprios sobre o tema.

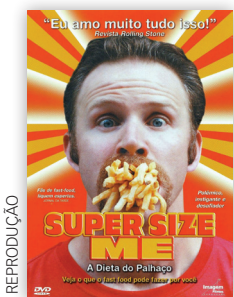
:: Livro

GREENWALD, Glenn. *Sem lugar para se esconder*. Edward Snowden, a NSA e a espionagem do governo americano. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

O livro conta como ocorreu o maior vazamento de informações sigilosas do governo dos Estados Unidos, além de mostrar como funcionam os programas de espionagem em massa que, inclusive, contam com a colaboração de poderosas empresas como Google, Apple, Facebook, Skype etc.



:: Filme



Super size me: a dieta do palhaço. Direção: Morgan Spurlock. Estados Unidos, 2004.

O documentário denuncia, de maneira irônica e ácida, o domínio do *fast-food* nos Estados Unidos. Igualmente, mostra grave preocupação com a crescente obesidade no país, substituindo

as antigas refeições saudáveis por aquilo que ele chama no documentário de dieta do palhaço, Ronald McDonald. Durante trinta dias, o próprio diretor, acompanhado por profissionais médicos, obriga-se a comer somente alimentos que sejam

vendidos em lojas do McDonald's. O final é impressionante e mostra os perigos que corremos ao adotarmos com frequência o hábito do *fast-food*.

:: Vídeo

Programa Milênio – entrevista com Edward Snowden

Disponível em: [youtube.com/watch?v=dJQi8sufzv0](https://www.youtube.com/watch?v=dJQi8sufzv0). Acesso em: 5 jul. 2016.

Edward Snowden, ex-analista da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos (NSA), tornou-se mundialmente conhecido quando resolveu divulgar um milhão e meio de documentos ultrassecretos do governo federal estadunidense. Asilado político na Rússia, é acusado de traição e espionagem por seu país. O fato é que a denúncia feita por ele demonstra que, efetivamente, o governo estadunidense espiona de forma sistemática quem quer que seja (presidentes de nações, multinacionais, políticos em geral, suspeitos de terrorismo e até cidadãos comuns). Ainda, os meios invadidos são todos que, de alguma maneira, possuem algum tipo de conexão remota, desde jogos *on-line*, passando por celulares, computadores, usuários de internet. Quer dizer: apropriar-se da comunicação eletrônica de todas as pessoas.

Snowden concedeu entrevista à jornalista brasileira Sônia Bridi para o programa *Milênio*, da GloboNews.



ÁGORA

Fora ou dentro dos Estados Unidos, é considerado comum referir-se a essa nação e a seus habitantes como, respectivamente, América e americanos. Questiona-se: os Estados Unidos pertencem ao continente americano ou é este que pertence aos Estados Unidos? Quer dizer, se todo o continente, do Canadá à Argentina, é composto por países americanos e, conseqüentemente, todos os habitantes são americanos, por que essas palavras são atribuídas a somente um país?



Existe um círculo vicioso entre cultura do consumismo e crise financeira. Ambas são interdependentes.



STOCKPHOTOS



Há certamente alguma coisa muito errada num país em que o ministro da Fazenda “precisa” ser escolhido pelo setor financeiro. O capitalismo “financeiro” não é, e é incrível que pretenda ser, um fim para si mesmo. Sua arrogância é tal e tamanha que o leva a esquecer por que existe.

Delfim Neto, ex-ministro da Fazenda, *Folha de S.Paulo*, 2014.

A crise do capital financeiro e seus amplos reflexos

A economia de cartão de crédito

A dívida dos Estados Unidos é hoje, de longe, seu principal problema econômico. Comparando-se em termos simples, mas que nos dá uma ideia do problema, é como se você sempre gastasse mais do que ganhasse. Ou seja, teria uma dívida não só crescente, mas que nunca poderia ser paga, caso as condições se mantivessem as mesmas. É essa, de modo genérico, a situação da principal potência econômica do mundo.

Seguindo esse mesmo exemplo, imagine que você passasse a utilizar seu cartão de crédito para pagar suas dívidas. Quer dizer, pediria mais dinheiro emprestado para quitar dívidas passadas: é o conhecido crédito rotativo. Mesmo que você pagasse as dívidas com vencimento imediato, no longo prazo elas somente aumentariam. Chegaria um momento em que você não conseguiria mais usar esse mecanismo de financiamento em suas dívidas. Novamente, essa situação pode ser comparada com a economia dos Estados Unidos, guardando-se as devidas proporções. Entretanto, há uma grande diferença entre nós, comuns mortais, e a maior economia do planeta. O dólar, moeda estadunidense, é também a moeda mundial. O governo dos Estados Unidos pode emitir dólares e eles serão aceitos em qualquer lugar do planeta. Igualmente podem elevar seu déficit e sua dívida pública, desde que o Congresso Nacional do país permita, o que sempre faz.

Em outras palavras: é como se você, ainda comparando-se em termos simples, possuidor de uma enorme dívida pessoal, pudesse, em sua casa, emitir reais à vontade. Poderia aumentar sua dívida indefinidamente porque conseguiria pagar seu cartão de crédito elevando eternamente seus débitos...

Evolução da dívida externa (dívida pública e privada) dos Estados Unidos

Ano	Valor (em trilhões de dólares)
2001	0,86
2002	0,86
2003	0,86
2004	1,40
2005	1,40
2006	8,80
2007	10,0
2008	12,2
2009	13,6
2010	13,4
2011	13,9
2012	14,7
2013	15,9
2014	15,6

Fonte: CIA World Factbook. Tabela elaborada pelo autor.

Nesse mecanismo de financiamento da dívida, cuja explicação é complementada no próximo item, os Estados Unidos conseguem pagar sua máquina ideológico-cultural (produção de cinema, música etc.), sua fantástica máquina de espionagem e sua extremamente custosa máquina de guerra. Logo, o poder político estadunidense e o próprio capitalismo mundial são sustentados por uma sofisticada engenharia financeira. Daí, podemos compreender o poder atual dos bancos.

O quadro anterior nos oferece outros elementos pertinentes. Obama tornou-se presidente dos Estados Unidos em 2009, e com ele a dívida aumentou mais de 2,2 trilhões de dólares, o que corresponde ao PIB brasileiro, o nono maior do mundo (2015). George W. Bush, que presidiu o país de janeiro de 2001 a janeiro de 2009,

831-7

elevou astronômica a dívida externa, indo de 862 bilhões para 12,2 trilhões de dólares. Em outras palavras: sua administração atolou o país em dívida.

O cassino global e o Partido Comunista

Ao analisar a tabela a seguir, é possível começar a entender as questões gerais da conjuntura financeira dos Estados Unidos, especificamente em relação aos credores possuidores de títulos da dívida pública. Em razão de seu déficit (quando o governo gasta mais do que arrecada) surge a dívida pública. Por sua vez, para que esta possa ser financiada, o governo pode vender títulos de capitalização. O Brasil, os Estados Unidos e vários outros fazem isso.

Credores dos Estados Unidos (detentores de títulos da dívida pública)

País	Valor (em trilhões de dólares)
China	1,277
Japão	1,135
Bancos Centrais do Caribe	0,2877
Exportadores de petróleo	0,2577
Brasil	0,2564
Taiwan	0,1858
Suíça	0,1782
Bélgica	0,1677
Grã-Bretanha	0,1569
Luxemburgo	0,1468
Rússia	0,1316
Hong Kong	0,12
Irlanda	0,1179
Cingapura	0,0815
Noruega	0,0746
Canadá	0,0655
México	0,0633
Índia	0,0591
Alemanha	0,0563
Outros	0,7704
Total	5,5894

Adaptado de: zerohedge.com. Acesso em: 4 jul. 2016. Tabela elaborada pelo autor.

No caso dos Estados Unidos, o total de títulos no mercado internacional é de 5,59 trilhões de dólares. E o maior detentor desses títulos é a China, com 1,2 trilhão de dólares (se considerarmos Hong Kong, esse valor é acrescido de 120 bilhões), seguida de perto pelo Japão, com 1,1 trilhão de dólares. O Brasil é o quinto maior credor dos Estados Unidos, com 256,4 bilhões de dólares em títulos.

Seguindo esse raciocínio, é possível dizer que o Partido Comunista chinês (já que ele comanda o governo) mantém o capitalismo mundial! Por quê? Porque, ao ser o maior detentor de títulos da dívida pública dos Estados Unidos, acaba financiando o déficit daquele país e, por consequência, evita a “falência” dos Estados Unidos, quer dizer, do próprio capitalismo global.

Forma-se uma rede: os Estados Unidos dependem de recursos de outros países para financiarem sua dívida; os outros países, por sua vez, além de lucrarem de modo direto com isso, pois os títulos são remunerados, também não podem simplesmente deixar de adquirir tais títulos, na medida em que, ao fazerem isso, comprometeriam o sistema global e, por consequência, a si próprios. Permanecendo essa relação mútua, o sistema continua e permite que as grandes empresas transnacionais e bancos atuem, ou seja, busquem lucros maiores sem limites. O cassino global, onde complexos esquemas criam operações financeiras sem fundamento (crise de 2008), acaba criando prejuízos trilionários que, se não forem cobertos, levam o sistema capitalista à bancarrota. E quem pode bancar isso? Os governos, com os recursos provenientes dos impostos de todos os cidadãos... Assim, elevam seus déficits, suas dívidas, a necessidade de financiamento delas... Essa é a principal característica do capitalismo global dominado pelas finanças: resolve suas crises tornando-as mais agudas no futuro. E os Estados Unidos são a peça-chave nesse esquema.

Os Estados Unidos estão em declínio?

Não se sabe se há uma “data de validade” para a manutenção do posto de “número um” pelos Estados Unidos. Comprometido por um enorme paradoxo financeiro e abalado por problemas como a queda de sua produção industrial (superada pela China); os altíssimos gastos militares; a elevadíssima dívida e déficit; a profunda pobreza em ascensão; e o fato de ser alvo potencial frequente de ataques terroristas – é possível que se diga que o país está em relativo declínio.

Declínio por serem evidentes e provavelmente estruturais algumas de suas graves dificuldades, mas relativo por contar com bases e vantagens sólidas.

O domínio cultural e o monitoramento intenso e global permitem aos governos e às elites estadunidenses uma grande capacidade de antecipação e maior índice de acerto em suas ações em relação ao restante do planeta. Possuem as informações e os dados que ninguém mais tem, e para decidir corretamente, sabemos, o pleno conhecimento de determinada situação é fundamental.

Ter seu próprio comportamento e hábitos aceitos e conhecidos em boa parte do mundo facilita igualmente a aplicação das próprias políticas desejadas.

A vasta produção científica e tecnológica em território estadunidense (concentra a maior solicitação de patentes e publicação de artigos científicos) faz que no setor de inovação o país continue liderando pelo mundo.

Assim, com a informação referida anteriormente, controla também a formação. Se vivemos a sociedade do conhecimento, os Estados Unidos conservam hegemonia nesse setor. Esse privilégio lhe confere amplas oportunidades para criar soluções e caminhos alternativos a seus problemas.

Sua superioridade militar pode fazer que consiga (ou ameace) o que não foi possível pelos meios pacíficos (espionagem, cultura e conhecimento). Além disso, sendo desumanos ou não, os gastos bélicos criam um círculo virtuoso na indústria e na tecnologia, ajudando a melhorar a economia.

Os acontecimentos nos próximos anos mostrarão se a superpotência manterá ou não o posto de número um. Isso dependerá não só dela, o que torna a geopolítica global ainda mais imprevisível, mas também de vários outros atores espalhados pelo planeta.



EXERCÍCIO

1. (Fuvest)

A crise atingiu o mundo inteiro. O operário metalúrgico de Pittsburgh, o plantador de café brasileiro, o artesão de Paris e o banqueiro de Londres, todos foram atingidos.

RAYNAUD, Paul.

La France a Sauvé L'Europe, T. I. Flammarion.

O autor se refere à crise mundial de 1929, iniciada nos Estados Unidos, da qual resultou:

- a) o abalo do liberalismo econômico e a tendência para a prática da intervenção do Estado na economia.
- b) o aumento do número das sociedades acionárias e da especulação financeira.
- c) a expansão do sistema de crédito e do financiamento ao consumidor.
- d) a imediata valorização dos preços da produção industrial e fim da acumulação de estoques.
- e) o crescimento acelerado das atividades de empresas industriais e comerciais, e o pleno emprego.



ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

Enfim, nesta última aula, examinamos o que talvez seja o principal problema para a continuidade da hegemonia dos Estados Unidos: a profunda crise financeira. Evidenciada por sua dívida e por seu déficit, o país continua se agarrando ao poder global do dólar, além de depender muito da economia de outras nações, entre elas especialmente a China.

Bons estudos!



EXERCÍCIOS

1. (Enem)

Texto I

A Europa entrou em estado de exceção, personificado por obscuras forças econômicas sem rosto ou localização física conhecida que não prestam contas a ninguém e se espalham pelo globo por meio de milhões de transações diárias no ciberespaço.

ROSSI, C.

Nem fim do mundo nem mundo novo.
Folha de S.Paulo, 11 dez. 2011. Adaptado.

Texto II

Estamos imersos numa crise financeira como nunca tínhamos visto desde a Grande Depressão iniciada em 1929 nos Estados Unidos.

Entrevista de George Soros.

Adaptado de: nybooks.com. Acesso em: 17 ago. 2011.

A comparação entre os significados da atual crise econômica e do *crash* de 1929 oculta a principal diferença entre essas duas crises, pois

- a *crash* da Bolsa em 1929 adveio do envolvimento dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e a atual crise é o resultado dos gastos militares desse país nas guerras do Afeganistão e do Iraque.
- a crise de 1929 ocorreu em razão de um quadro de superprodução industrial nos Estados Unidos e a atual crise resultou da especulação financeira e da expansão desmedida do crédito bancário.
- a crise de 1929 foi o resultado da concorrência dos países europeus reconstruídos após a Primeira Guerra e a atual crise se associa à emergência dos Brics como novos concorrentes econômicos.
- a *crash* da Bolsa em 1929 resultou do excesso de proteções ao setor produtivo estadunidense e a atual crise tem origem na internacionalização das empresas e no avanço da política de livre mercado.
- a crise de 1929 decorreu da política intervencionista norte-americana sobre o sistema de comércio mundial e a atual crise resultou do excesso de regulação do governo desse país sobre o sistema monetário.

2. (Fuvest) Sobre a crise do capitalismo, na década de 1930, e o colapso do socialismo, na década de 1980, pode-se afirmar que:

- a primeira reforçou a concepção de que não se podia deixar uma economia ao sabor do mercado, e o segundo a de que uma economia não funciona sem mercado.
- ambos levaram à descrença sobre a capacidade do Estado de resolver os problemas colocados pelo desemprego em massa.
- assim como a primeira, também o segundo está provocando uma polarização ideológica que ameaça o Estado de Bem-estar Social.
- ambos, provocando desemprego e frustração, fizeram aparecer agitações fascistas e terroristas, contando com amplo respaldo popular.
- enquanto a primeira reforçou a convicção dos defensores do capitalismo, o segundo fez desaparecer a convicção dos defensores do socialismo.

3. (Enem)

Até o fim de 2007, quase 2 milhões de pessoas perderam suas casas e outras 4 milhões corriam risco de ser despejadas. Os valores das casas despencaram em quase todos os EUA e muitas famílias acabaram devendo mais por suas casas do que o próprio valor do imóvel. Isso desencadeou uma espiral de execuções hipotecárias que diminuiu ainda mais os valores das casas. Em Cleveland, foi como se um “Katrina financeiro” atingisse a cidade. Casas abandonadas, com tábuas em janelas e portas, dominaram a paisagem nos bairros pobres, principalmente negros. Na Califórnia, também se enfileiraram casas abandonadas.

HARVEY, D.

O enigma do capital.
São Paulo: Boitempo, 2011.

Inicialmente restrita, a crise descrita no texto atingiu proporções globais, em razão do(da)

- superprodução de bens de consumo.
- colapso industrial de países asiáticos.
- interdependência do sistema econômico.
- isolamento político dos países desenvolvidos.
- austeridade fiscal dos países em desenvolvimento.



RODA DE LEITURA

O professor e economista Ladislau Dowbor, da pós-graduação da PUC/SP, consultor de várias agências da ONU e autor de mais de quarenta livros, nos últimos anos tem se dedicado ao estudo do sistema financeiro mundial e brasileiro, analisando seus problemas e propondo soluções. A seguir, reproduzimos trechos de artigo publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* sobre as finanças globais, com atenção especial para o papel dos Estados Unidos. Apesar de ter sido escrito no ano de 2009, o que faz que os números e valores estejam defasados, a lógica continua atualíssima e imprescindível para que possamos entender nossa realidade. Leia-o com atenção.

A crise financeira sem mistérios

Para apresentar os principais encadeamentos da crise financeira é preciso partir dos mecanismos que a desencadearam, a deterioração dos mecanismos e das instituições de regulação e o papel-chave que os Estados Unidos desempenham. Na avaliação dos impactos, quem deverá em última instância pagar pela bancarrota do cassino?

[...]

Tirando a roupa (financeira)

As pessoas imaginam profundas articulações onde, em geral, há mecanismos bastante simples. Nada como alguns exemplos para ver como funciona. Há poucos anos estourou o desastre da Enron, uma das maiores e mais conceituadas multinacionais americanas. Foi uma crise financeira e um dos principais mecanismos de geração fraudulenta de recursos fictícios, foi um charme de simplicidade. Manda-se um laranja qualquer abrir uma empresa laranja num paraíso fiscal como Belize. Esta empresa reconhece por documento uma dívida de, por exemplo, 100 milhões de dólares. Esta dívida entra na contabilidade da Enron como "ativo" e melhora a imagem financeira da empresa. Os balanços publicados ficam mais positivos, o que eleva a confiança dos compradores de ações. As ações sobem, o que valoriza a empresa, que passa a valer os cem milhões suplementares que dizia ter.

Os executivos da Enron acharam o processo muito interessante. O setor de produção (que produzia efetivamente coisas úteis) foi colocado no seu devido lugar, e os magos da finança se lançaram no filão que

apresentava a vantagem de ser menos trabalhoso e mais lucrativo. No momento da falência, a Enron tinha 1600 empresas fictícias na sua contabilidade. A empresa de auditoria Arthur Andersen não percebeu. As empresas de avaliação de risco não perceberam. A primeira tinha a Enron como cliente de consultoria. As segundas são pagas pelas empresas que avaliam.

Partimos deste exemplo da Enron porque é simples, representa um mecanismo de fraude honesto e transparente. Não viu quem não quis. E também para marcar o que é uma cultura da área financeira, onde vale rigorosamente tudo, conquanto não sejamos pegos. Não é o reino dos inteligentes (tanto assim que quebram), mas dos espertos. E os que buscam produzir bens e serviços realmente úteis são levados de roldão, em parte culpados porque toleraram idiotas disfarçados em magos de finanças e *marketing*. Qualquer semelhança com empresas nacionais que se lançaram em aventuras especulativas é mera coincidência.

[...]

O papel dos Estados Unidos

O epicentro da atual crise está nos Estados Unidos, e o eixo desencadeador foi o mercado imobiliário, como vimos. [...]

Os Estados Unidos têm uma dívida pública de 10,5 trilhões de dólares. Como ninguém consegue imaginar o que pode representar tal soma, vale a pena lembrar que o PIB mundial é da ordem de 55 trilhões de dólares. Ou seja, a dívida pública norte-americana representa cerca de um quinto do PIB mundial. É um país que vive acima de suas posses. O *american way of life* (estilo consumista de vida estadunidense) é amplamente artificial [...].

O endividamento como nação se reflete na situação das famílias. O americano adulto médio tem oito cartões de crédito, e gasta um terço da sua renda com o pagamento de dívidas. Apresentado no momento da concessão, o crédito aparece como um instrumento de dinamização da conjuntura, pois aumenta a capacidade de compra da família. No entanto, cada dívida significa não só reembolso, como pagamento de juros e, na realidade, o que se consegue com endividamento é uma antecipação de consumo, e não o seu aumento. Quando chega a hora de pagar, o efeito se inverte. Até onde irão as famílias norte-americanas no faz de conta de prosperidade?

Quem paga a conta?

O estopim da crise financeira de 2008 foi o mercado imobiliário norte-americano. Abriu-se crédito para compra de imóveis por parte de pessoas qualificadas pelos profissionais do mercado de Ninjas (*No Income, No Jobs, no Savings*: Sem Renda, Sem Emprego, Sem Poupança). Empurra-se uma casa de 300 mil dólares para uma pessoa, digamos assim, pouco capitalizada. Não tem problema, diz o corretor: as casas estão se valorizando, em um ano a sua casa valerá 380 mil, o que representa um ganho seu de 80 mil, que o senhor poderá usar para saldar uma parte dos atrasados e refinarciar o resto. O corretor repassa este contrato – simpaticamente qualificado de “sub-prime”, pois não é totalmente de primeira linha, é apenas sub-primeira linha – para um banco, e os dois racham a perspectiva suculenta dos 80 mil dólares que serão ganhos e pagos sob forma de reembolso e juros. O banco, ao ver o volume de “sub-prime” na sua carteira, decide repassar uma parte do que internamente qualifica de “junk” (aproximadamente lixo) para quem irá “securitizar” a operação, ou seja, assegurar certas garantias em caso de inadimplência total, em troca evidentemente de uma taxa. Mais um pequeno ganho sobre os futuros 80 mil, que evidentemente ainda são hipotéticos. Hipotéticos mas prováveis, pois a massa de crédito jogada no mercado imobiliário dinamiza as compras, e a tendência é os preços subirem.

As empresas financeiras que juntam desta forma uma grande massa de “junk” assinados pelos chamados “ninjas” começam a ficar preocupadas e empurram os papéis mais adiante. No caso, o ideal é um poupador sueco, por exemplo, a quem uma agência local oferece um “ótimo negócio” para a sua aposentadoria, pois é um “sub-prime”, ou seja, um tanto arriscado, mas que paga bons juros. Para tornar o negócio mais apetitoso, o lixo foi ele mesmo dividido em AAA, BBB e assim por diante, permitindo ao poupador, ou a algum fundo de aposentadoria menos cauteloso, adquirir lixo qualificado. O nome do lixo passa a ser designado como SIV, ou *Structured Investment Vehicle*, o que é bastante mais respeitável. Os papéis vão assim se espalhando e enquanto o valor dos imóveis nos EUA sobe, formando a chamada “bolha”, o sistema funciona, permitindo o seu alastramento, pois um vizinho conta a outro quanto a sua aposentadoria já valorizou.

Para entender a crise atual, não muito diferente no seu rumo geral do caso da Enron, basta fazer o caminho inverso. Frente a um excesso de pessoas sem recurso algum para pagar os compromissos assumidos, as

agências bancárias nos EUA são levadas a executar a hipoteca, ou seja, apropriam-se das casas. Um banco não vê muita utilidade em acumular casas, a não ser para vendê-las e recuperar dinheiro. Com numerosas agências bancárias colocando casas à venda, os preços começam a baixar fortemente. Com isso, o Ninja que esperava ganhar os 80 mil para ir financiando a sua compra irresponsável, vê que a sua casa não apenas não valorizou, mas perdeu valor. O mercado de imóveis fica saturado, os preços caem mais ainda, pois cada agência ou particular procura vender rapidamente antes que os preços caiam mais ainda. A bolha estourou. O sueco que foi o último elo e que ficou com os papéis – agora já qualificados de “papéis tóxicos” – é informado pelo gerente da sua conta que lamentavelmente o seu fundo de aposentadoria tornou-se muito pequeno. “O que se pode fazer, o senhor sabe, o mercado é sempre um risco.” O sueco perde a aposentadoria, o Ninja volta para a rua, alguém tinha de perder. Este alguém, naturalmente, não seria o intermediário financeiro (o banco).

DOWBOR, Ladislau.

Le Monde Diplomatique Brasil.

Disponível em: diplomatique.org.br/acervo.php?id=2281. Acesso em: 30 jun. 2016.

Em vista do texto lido e de todo o material discutido na presente aula, elabore uma dissertação propondo possíveis soluções para esse problema, isto é, o caos econômico produzido pela desregulação financeira.



NAVEGAR

:: Site

Oxford Committee for Famine Relief – Oxfam

Disponível em: oxfam.org.br. Acesso em: 4 jul. 2016.

A ONG inglesa, fundada em 1948, atua em mais de cem países aplicando projetos direcionados à diminuição da pobreza e da desigualdade. Igualmente, desenvolve estudos que visam explicar e apontar caminhos para a promoção de maior justiça social. Nesse sentido, destacam-se as análises que questionam o papel essencial do sistema financeiro na extrema concentração de riqueza global. Há a opção de consultar o *site* internacional (oxfam.org) ou a versão em português, indicada aqui. No Brasil, a associação atua há mais de cinquenta anos.

:: Filme



Trabalho interno. Direção: Charles Ferguson. Estados Unidos, 2010.

Ganhador do Oscar de melhor documentário de longa-metragem de 2011, o filme analisa com profundidade a crise financeira mundial iniciada em 2008. Por meio de uma linguagem compreensiva, rica e dinâmica, explica os motivos da crise. Ao expor suas causas, destaca a desregulamentação realizada a partir do ex-presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e do domínio financeiro na atual fase do capitalismo mundial. Material imperdível para quem deseja entender o mundo hoje.

:: Livro

PARANÁ, Edemilson. *A finança digitalizada: capitalismo financeiro e revolução informacional.* Florianópolis: Insular Livros, 2016. O autor analisa o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, o financeiro. Relacionando-o com tecnologia da informação, ajuda a entender não só o sistema global, mas também o contexto brasileiro.



→ ÁGORA

Os benefícios fundamentais da globalização financeira são bem conhecidos: ao canalizar fundos para seus usos mais produtivos, ela pode ajudar tanto os países desenvolvidos como os em via de desenvolvimento a atingir níveis mais elevados de vida.

Fundo Monetário Internacional, 2002.

Você concorda com essa frase? Por quê? A partir de orientações fornecidas por seu professor, debata sobre esse tema com seus colegas de classe.

831-7

SENHA

Há conexão entre a crise econômica dos Estados Unidos e a da Europa?



Aula 22

:: Estudo orientado

1. b
2.
 - a) Ao comparar a parte de cima (socialista) com a parte de baixo (capitalista), a URSS deseja mostrar que cuida corretamente da infância em seu país, ao contrário dos países capitalistas, que deixariam as crianças em estado de miséria.
 - b) Ver tabela "Intervenções militares internacionais dos Estados Unidos no século XX", nas páginas 3 a 5.
3. e
4. c
5. b
6.
 - a) O principal motivo são os interesses políticos e econômicos. É nesse continente que estão os mais importantes parceiros comerciais e institucionais estadunidenses.
 - b) Com o objetivo de dominar todas as regiões do planeta, os Estados Unidos buscaram um aliado na América do Sul. O país que tradicionalmente mais tem se mostrado próximo das propostas estadunidenses, nessa parte do continente, é a Colômbia. A justificativa dos Estados Unidos, em suas intervenções nesse país, normalmente referem-se ao combate ao tráfico de drogas.
7.
 - a) O local apontado com o número 1 é o Havaí e com o número 2 é o Bahrein.
 - b) O Havaí pertence aos Estados Unidos desde o final do século XIX, e a presença de bases militares nesse arquipélago deve-se a sua localização estratégica. Situado no centro do Oceano Pacífico, é ponto de passagem de importantes rotas comerciais, fato que amplia a relevância econômica dos Estados Unidos na região. Além disso, as bases militares protegem esse estado estadunidense de possíveis ataques, como os realizados durante a Segunda Guerra Mundial. Já a presença de soldados estadunidenses

no Golfo Pérsico, como nas bases localizadas no Bahrein, deve-se a dois motivos principais: petróleo e combate ao terrorismo. O Oriente Médio destaca-se como a maior região produtora de petróleo do mundo, enquanto os Estados Unidos são o maior centro consumidor. Nesse contexto, o Golfo Pérsico é estratégico, concentrando a maior passagem de petroleiros do mundo. As bases militares nessa região do Oriente Médio facilitam o combate a grupos terroristas inimigos dos Estados Unidos e a governos que simpatizam com suas ações.

Aula 23

:: Estudo orientado

1. a
2. c
3. a
4. b
5. d
6. a

Aula 24

:: Estudo orientado

1. b
2. a
3. c